3 1761 04130 5525

BRIEF

PQD

0002176

JOÃO PENHA
(Da Academia de Sciencias de Lisboa)

Ultimas Rimas

EDIÇÃO DA
«RENASCENÇA PORTUGUESA»
PÔRTO

NOTA DA «RENASCENÇA»

Por falecimento do Autor, este livro não foi todo revisto por ele. Procurou-se, no entanto, respeitar com o maximo escrupulo o que foi escrito pelo Poeta ilustre.

Direitos reservados

ULTIMAS RIMAS

OBRAS LITTERARIAS DO AUTOR

Rimas, Lisboa, 1883—1 vol.—1000.
Rimas, 3.ª edição, com retratos. Braga—600.
Viagem por terra ao paiz dos sonhos, Porto, 1898—600.
Por montes e valles, prosas — Lisboa, 1899 — 600.
Novas rimas, Coimbra, 1905 — 600.
Echos do passado, versos — Porto, 1914-- 600.

Em poder dos editores Aillaud, Bertrand & C.ª

Ao pôr do sol, versos — Lisboa.
Noites de inverno, prosas — Lisboa.
Ultimas rimas, Porto, 1919 — 1 vol.

Emandamento:

Folhas de outomno, versos.

Em coordenação:

Materia juridica, collecção de minutas de direito sobre pleitos de difficil solução — 2 vol.

JOÃO PENHA
(Da Academia de Sciencias de Lisboa)

ULTIMAS RIMAS

I — MUSA QUE NÃO RI. II — PARA CRENTES.
III — VINHETAS E AQUARELLAS.
IV — ROSARIO ESPIRITUAL. V—AO FOGÃO.

COM PREFACIO E NOTAS

EDIÇÃO DA
RENASCENÇA PORTUGUESA
PORTO

LIBRARY
MAY
22
1979
UNIVERSITY OF TORONTO

BRIEF
PQD
000 2176

PREFACIO

De certo causará surpreza, n'um livro tão futil como este, a estranha e grave materia que, como prefacio, mais abaixo me apraz desenvolver; esse prefacio, porém, é do genero d'aquelles em que o autor defende ou explica a sua obra, quer dizer, galeato, e é por essa razão capital, que as minhas primeiras hesitações se desvaneceram por completo, e sigo ávante, impavido.

No Evangelho, segundo S. João, o discipulo amado, cuja philosophia manifestamente se filia na do Bouddha, que já há quatro seculos antes alastrara por toda a Asia, lêem-se, logo no principio, estes versiculos: «*In principio erat verbum, et verbum erat apud Deum, et Deus erat verbum. Hoc erat in principio apud Deum*», versiculos que o laborioso traductor da vulgata, Antonio Pereira de Figueiredo, traduz assim: «No principio era o

Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus. Elle estava, no principio, com Deus».

Durante muito tempo estive, como Champollion diante dos hierogliphicos do Egypto, perplexo diante daquelas palavras, sem me poder fixar ácerca do seu mysterioso sentido. Que verbo seria esse? Há muitos verbos, em todas as linguas, embora se possa sustentar que há um unico.

Um aphorismo formulado por Lucrecio, no *De natura rerum*, foi para mim, o que para S. Paulo, o apostolo dos gentios, foi a visão por elle apercebida em caminho para Damasco.

Esse aphorismo: *Ex nihilo, nihil,* fez luz completa nas trevas do meu espirito.

E realmente, se de nada nada sahe, verdade absoluta que não pode ser posta em duvida, d'onde provieram os innumeros astros que povoam o Infinito? D'onde proveio este globo que nós habitamos transitoriamente? Indubitavelmente, do Verbo, não gerado, como erroneamente diz aquelle traductor do latim de S. Jeronymo, mas increado: do verbo Ser, no seu infinito. É d'elle que proveio, provêm, e há-de provir tudo quanto existe, ou existirá. É elle o criador de tudo, e até aquelle evangelista o diz no seu terceiro versiculo:

«*Omnia per ipsum facta sunt, et sine ipsum factum est nihil, quod factum est.*»

E essa a suprema verdade, e eu passava por ella sem a vêr!

Passando agora do abstracto ao concreto, e lançando os olhos ao que nos cerca, que devemos nós concluir d'aquella verdade absoluta? Que o Verbo, isto é, Deus, tem horrôr pela monotonia, pela uniformidade.

E realmente, sem sahirmos d'este pequeno mundo que habitamos, um atomo no infinito dos mundos, vêmos, na criação, uma variedade de sêres, e de fórmas, quási sem limites: no mundo mineral, desde o diamante e a esmeralda, até ao atomo de pó e ao grão de areia; no vegetal, desde o cédro e a palmeira, até ao lichen e ao pé d'herva; no animal, desde o homem e o masthodonte, até ao infusorio e á bioplasma.

Deus, portanto, pela sua infinita intelligencia, tem, como acima eu disse, um completo horror pela uniformidade, e d'esse horror, nós, que, como um reflexo, somos feitos á sua imagem e semelhança, pois que temos a força, a intelligencia e a sensibilidade, participamos tambem.

Fazendo agora applicação d'estes principios, como critica, ao presente livro de versos, apraz-me affirmar que a elles obedeci, embora inconscientemente.

Na verdade, se há n'elle, composições incoherentes, de todos os generos, sem unidade, e, por vezes, antagonicas, o que a isso me moveu, foi aquelle horror divino pela uniformidade, pela monotonia.

Obedeci, pois, a uma das leis primordiaes do Criador de tudo.

*

No theatro antigo, e até no moderno, depois de tragedias, de episodios terriveis e sangrentos, seguia-se uma farça alegre para desannuviar o espirito acabrunhado dos espectadores.

Sigo tambem este methodo: depois das cousas sérias, que acima desenvolvi, sôe o apito e suba o panno para a comedia; por vezes, alta, comtudo.

31-VIII-18.

MUSA QUE NÃO RI

SECULO DEZANOVE!

A ti invoco: escuta-me do Além!
Quando eu nasci, já ias tu em meio,
Quando morreste, morri eu tambem!
A ti alongo, oh seculo romantico,
Meu olhar triste, de saudades cheio!
A ti dedico o derradeiro cantico!

LADAINHA

Aos meus santos

Santo Luiz de Camões,
Enorme, eterno, de pé
Entre os grandes das nações,
Ora pro me.

Filinto, cheio de graça,
Poeta e lexicon até,
Luso-latino, de raça,
Ora pro me.

Santo Bocage Sadino,
Bello, e, segundo a maré,
Com costela do Arentino,
Ora pro me.

Garrett, um que Lysia chora,
Hugo no drama; e Musset
Em tua lyra sonora,
Ora pro me.

Santo Antonio de Castilho,
Que nos deste o alamiré,
Poeta de intenso brilho,
Ora pro me.

Tu, santo João de Deus Ramos,
Que no Olympo tens a Sé,
Onde de cá te adoramos,
Ora pro me.

Santo Anthero de Quental,
Um dos bons da minha fé,
Em sonetos sem egual,
Ora pro me.

16-X-18.

O REI DA BELGICA

A sua Magestade a rainha, sua esposa,

(Para o seu album)

Ao som de clarins de guerra,
Alberto, esse rei brioso,
Peleja, ardente e fogoso.
Prostra os hunos e os aterra.

Gloria, pois, ao rei valente,
Que envergando humilde farda,
Lucta, heroico, frente a frente,
E faz de sceptro espingarda.

Toda a Flandres o proclama
Heroe, que na patria assôma,
Mais digno de gloria e fama,
Que os heroes de Grecia e Roma!

1918.

O SONHO E A REALIDADE

Ao visconde de Pindella.

«Que bem se vive aos vinte annos,
N'uma exigua agua furtada!
Ahi que nos falta? nada;
Faltam penas, desenganos.

Tudo são aéreos planos,
Toda a ventura sonhada:
Uma vida accidentada,
De episodios sobrehumanos.

Por amante, uma vizinha,
Por champagne, a agua pura,
Por manjar uma sardinha!

Um sonho que pouco dura,
Que tudo em breve definha,
Tudo acaba em sombra escura!»

*

CEGA!

«Eu sou ceguinha, ceguinha,
Já não posso ver ninguem,
Que os lindos olhos que eu tinha,
Dei-os a elle, ao meu bem.

«Tem-nos guardados no peito
Dentro do seu coração,
O sacrario mais perfeito
Da amorosa adoração.

«Gostava tanto de flores,
Tanto de vêl-as gostava
Com suas mimosas côres,
Que eu só a ellas amava.

«Mas não só de as vêr, a ellas,
Eu sentia um bom prazer:
Nas minhas horas singelas,
Tudo eu gostava de ver.

«Ver, durante horas inteiras,
Tranquillas em seu voar,
As gaivotas, em fileiras,
Por sobre as ondas do mar.

«Outras vezes, pensativa,
Ver, á hora das trindades,
Uma chamma fugitiva,
O bom fumo das herdades;

«Em noite calma e serena,
Caminhando vagarosa,
Da brancura da açucena,
A lua silenciosa;

«Lá quando se apaga o disco
Do grande sol criador,
Ver a caminho do aprisco,
Um rebanho e o seu pastor;

«Mêdas de palha nas eiras;
Carros de mato, a chiar;
A bater as lavadeiras;
Pombas em bando no ar.

«Por essas campinas fóra,
Desde o primeiro arrebol,
A vida a surgir da aurora,
O repouso ao pôr do sol.

«Eu não sou como as donzellas
Que vivem dentro das salas:
Eu adorava as estrellas:
Que delicia o contemplal-as!

«Ver a chuva em aguaceiros,
Sonorosa nos telhados;
Os gigantes castanheiros
Em batalha de soldados;

«E em noites de inverno frias,
Sentada junto ao meu lar,
Apagadas as bugias,
Ver a lenha a crepitar;

«Subir das serras á crista,
Bem distantes da cidade;
Estender ao longe a vista,
Contemplar a Immensidade!

«Tudo eu via extasiada,
Sem uma pena, um desejo;
Agora não vejo nada:
Só no mundo a elle eu vejo!»

26-VIII-18.

A TRANSFIGURAÇÃO

A Queiroz Ribeiro.

Ella era, na sua mocidade,
Na marmórea e granitica Lisboa,
A rainha da moda, uma leôa,
A mais encantadora da cidade.

Divina e popular! e na verdade
Era uma deusa, mas humana e boa:
Como a mais simples e vulgar pessôa,
A todos acolhia com bondade.

Muito tempo passou sem que eu a visse,
Foram surgindo a pouco e pouco os damnos,
E com elles as rugas da velhice.

—«Acabaram-me a idade e os desenganos,
Não o vê?»—«Não; que estou, tristonho eu disse,
A vêl-a quando tinha os seus vinte annos!»

BUCOLICA

No album de D. Maria
Emilia Telles da Sylva (Tarouca).

Que paisagem tão bella!
Podia um Corot pintal-a!
Vem tu, Carmen, contemplal-a,
D'aqui, da minha janella.

Além, perto da cancella,
Canta e fia uma zagala;
Ao pé, um cordeiro bala,
É todo o rebanho d'ella;

Num campo um jumento zurra;
Cantam grilos no montado;
Batem-se cabras á turra.

Tu, dança um zapateado,
Emquanto eu gêmo á bandurra
Saudades do meu passado!

O SULTÃO FEROZ

(De Th. Gautier).

Em seu jardim, no lago que fluctua,
Banha a sultana o corpo enlanguecido;
Envolve-lhe a marmórea espadua nua,
O cabello, dos pentes desprendido.

Contempla-a o sultão do seu mirante,
E diz, correndo a mão na barba escura:
«Vela, na torre, o eunucho vigilante,
Só eu a posso ver, ideal ventura!»

—«Vejo-a eu, lhe responde (cousa estranha)
Uma nuvem no alto reclinada,
Vejo-lhe os seios que nas aguas banha,
Vejo-a nua, de pérolas colmada!»

Ahmet empallidece como a lua,
E com a sua adaga, truculento,
Estende morta a favorita nua,
Emquanto a nuvem se dissipa ao vento.

11-VIII-18.

ANTHERO DE QUENTAL

Andas, meu bom Anthero de Quental,
Nas regiões obscuras do Infinito.
Cá, eras meio atheu, mas lá, contrito,
Já te vês immortal, ante o Immortal.

Esse caso psycologico e fatal
Está de ha muito em livros d'oiro escripto:
Philosophia e crença não são mytho,
Uma irrisoria criação mental.

Sem vêres o phantastico Nirvana,
Alijaste Manú, e dizes triste:
«Não tem limites a cegueira humana!

«Na terra que fiz eu, de lança em riste?
Oh! como o pensamento nos engana!
De tudo que sonhei... só Deus existe!»

ELVIRA

É com os olhos tristes que te vejo
Já nutante no mar do fanatismo,
Negra voragem, tenebroso abysmo:
Lamento-te, e não penses que gracejo.

Era bello, no ar, o teu adejo
Por sobre os altos montes do lyrismo.
Agora lês missaes, o cathecismo,
E, rosa linda, até de o ser tens pejo!

Eremita de saias, quasi asceta,
É outra agora a musa que te inspira:
Vem-te dos ceus a inspiração dilecta.

Tens, comtudo, sonora a voz e a lyra,
Mas não será de ti que diga um poeta:
«Murió d'amor la desdichada Elvira!»

LIGUSTRA CADUNT

(Maria)

Vi-a, rapida descendo,
No vigor da juventude
Á campa! Que transe rude!
D'esta vida o mais horrendo!

Foi ha muito, e a estou vendo
Branca e fria no ataúde!
E não ha poder que mude
O da Morte: o fim tremendo!

Surge o dia, esplende a aurora,
E bem depressa anoitece:
Que dura a vida? uma hora!

Sécca e morre a loira messe;
A avesinha canóra:
Até o lirio fenece!

EMFIM!

(Ao bom e illustrado amigo Francisco dos Santos Guimarães.

QUER em dias de chuva ou de nordeste,
Ou quer em dias d'um calor de lava,
Aquelle bôbo popular andava
De pés descalços, rôta e suja a veste.

Tu, Sempiterno Ser, tudo lhe deste:
A giba enorme, a voz d'um chantre, cava.
Manco, se o rapazio o apupava,
Fugia a bom fugir, como da peste.

O seu deus era o deus da bebedice;
O seu mal, uma tosse de catarrho,
Seu aspecto o de esquálida velhice;

Fumava, mas só pontas de cigarro;
Por fim morreu, e já no coche disse:
« Graças! até que emfim ando de carro! »

CANÇONETA

Se desejas ser amada,
Ama, não fiques gelada,
Que te foge o trovador,
Morena;
Amor só vive d'amor.
Helena.

Mas foge d'um amor louco,
Que esse morre ou vive pouco:
Sol ardente sécca a flôr,
Morena;
Muito amor apaga o amor,
Helena.

NAS SOMBRAS

Oh dôr, que nem me deixas respirar!
Nunca mais, como outrora, cantarei!
O que eu mais sinto nem dizel-o eu sei!
Foi-se a paz tranquilla do meu lar!

Oh guitarra, das noites de luar,
Nunca mais tuas cordas vibrarei
Meu coração é morto: é essa a lei:
Até a rosa, o lirio, hão-de murchar!

Mordeu-me venenoso escorpião,
E, tristonho, mudei de natureza,
Morta no labio a última canção!

Sou como a philomela que se é prêsa,
Mettida na gaiola, essa prisão,
Nunca mais canta, e morre de tristeza!

27-VIII-18.

*

AS VIRGENS LOUCAS

(Ao visconde de Pindella)

QUANTAS não tenho visto, com tristura.
Abandonar, a rir, a vida honesta
Por uma, estéril, de continua festa:
A do bom lar, por uma vida impura!

Essas as loucas são, dil-o a Escriptura,
D'essas a morte lhes será funesta,
Pois quando de seus dias pouco resta,
Erguendo os olhos á suprêma altura,

Já tardios serão os seus clamores,
E, por uns dias de prazer, algentes,
Terão talvez o inferno, e os seus horrores!

«Ide-vos, dirá o Esposo das prudentes,
Ide-vos para as trevas exteriores,
Onde ha o chôro, e o ranger dos dentes!»

OS BEIJOS

Entre velha papelada,
De toda a especie, confusa,
Encontrei esta ballada,
A já esquecida musa:

Sangrar a poetica veia,
Por uma ou duas beijocas,
Custa mais que fazer meia,
Ou que fazer maçarocas.

São, porém, os teus desejos
Ordenanças d'uma fada,
E por isso de teus beijos
Direi algo, ou quasi nada,

Embora, por seu encanto,
Por seu divino sabôr,
Sejam dignos do canto
D'um sonoro trovador.

Eu, porém, que nem sequer
Tenho á guitarra pericia.
Cantarei como puder,
Esse encanto, essa delicia.

Ha beijos, cuja doçura
É d'assucar mascavado:
Os teus, d'uma essencia pura,
São de assucar refinado.

O que paga, com fôro,
Mulher, de rosto hediondo,
Mas com quem se tem namôro,
Sendo limpa, é recebondo.

Ha beijos repinicados
Que lá têm o seu deleite.
D'elles gostam namorados,
São como os de amas de leite.

Os que as mundanas nos dão
Na bochecha ou n'outra parte,
Parecem dos de paixão,
Que ellas trabalham com arte.

Nas bochechas são ternura,
Na bôcca, perturbação,
Que accende uma chamma impura,
E nos leva á perdição.

Ha-os bem sêccos e frouxos,
Dados como por demais:
Vão andando, mas são côxos:
São os de filhas aos paes.

Os de pretas, de feição,
Eu digo-o em publico e raso,
Taes como os das brancas são:
A côr não faz nada ao caso.

Não me aprazem beijos castos,
São uma caricia falsa,
Salvo, mesmo para os gastos,
Se um puro amor os realça.

Ha um que não fica mal
N'este poetico aranzel:
Refiro-me ao conjugal,
Durante a lua de mel.

Ha beijo bom, que refresca,
Mas ha-o tambem que mata,
Como o de Paolo e Francesca,
Beijo que o Dante relata.

O marido, o Lanciôto,
Os matou d'uma estocada;
Chamem-lhe vil ou marôto;
Eu não; não lhe chamo nada.

Ha-os tambem de suspiro,
Para sedentos maná,
Por esses é que eu deliro,
Quando teus labios m'os dá.

O de Mario e de Cosette,
O impulsivo, o primeiro,
Quantas vezes se repete
Se o amor é verdadeiro!

Os de fugida que as damas
Umas ás outras se dão,
Não valem dous epigrammas,
Nem realmente beijos são.

Ao beijo do Iscariote,
Eu nem alludo sequer;
Aqui só tem gloza um mote:
O dos beijos da mulher.

Como a especie não tem fim,
Deponho, cançado, a róca;
Manda-me em troca um pudim,
Se o vale esta maçaroca.

*

Foi isto o que eu li chorando,
Eu que sou illacrymavel.
E que fiz outrora, quando
Nem previa... o irreparavel!

GERMANIA DELATA

(A Henriques Lopes de Mendonça)

O Crime ás vezes descança,
Julga-se livre, mas nunca:
Na abscôndita espelunca
Surge-lhe um dia a vingança.

Ella, outrora, a fôgo e lança.
De mortos os campos junca;
Ri, e estende a garra adunca
A duas joias da França!

Não foge á pena o malvado:
Quem sabe o porvir? ninguem;
É como d'um ceu nublado,

O que das sombras nos vem:
Tu, Bismark, estás vingado,
E tu, da França, tambem!

27-X-18.

NO VERÃO

(GEORGICA)

A Julio Gama.

Bello campo, que vejo d'onde habito!
Um camponez no seu machinho tóca;
Á porta da choupana, a fiar na róca,
Uma aldeã, de rosto assás bonito;

Ouve-se ao longe um prolongado apito;
Cérca a ninhada uma galinha chóca;
E um negro grilo, ao limiar da toca.
Faz ouvir, incessante, o seu cricrito.

Os alcatruzes d'uma antiga nóra,
A que dá vida um boi, a passo lento,
Jorram a agua, que na pia chora.

Vae-a guiando o lavrador attento,
E esta lida não cessa desde a aurora,
Que o sol abrasa, e nem sequer ha vento.

A ALDEIA

A Antonio Correia d'Oliveira.

Respiro! eis-me emfim na minha aldeia!
Alegra-me os pulmões este ar tão puro!
Que illusoria não era a minha idea
D'isto que agora conservar procuro!

Só a vida ficticia das cidades
Achava digna de canções divinas!
Tinha horror pelas quasi soledades
Em que eu julgava immersas as campinas!

Tivesse eu a paleta de Virgilio,
O grande artista do viver campestre!
Mas ao que vejo pedirei auxilio,
O proprio campo me será bom mestre:

Uma busina sôa: accorda o prado.
Espalha a vida o sol, mas acabrunha;
Uma junta de bois puxa ao arado,
Cuja rabiça um lavrador empunha;

É de grande tarefa agora a quadra:
Tudo se move, a agitação é vasta;
Um cão de guarda, furibundo ladra
A um mendigo velho que se afasta:

Não ha vento, o moinho nem labora,
Mas o moleiro, á porta, o grão peneira;
Os alcatruzes da vetusta nora
Lançam a jorros a agua na caleira;

Tira-a do longo tanque, balde a balde
Moça, gentil assaz, vivo demonio:
Falla-lhe um namorado, mas debalde,
Que ella não quer amor, quer matrimonio.

Na eira calcinada espreita um gato
O vôo dos alegres passarinhos;
Nos bicos levam todos o biscato
Á prole que os espera nos seus ninhos.

Volitam borboletas, e a cigarra
Faz ouvir, incessante, o seu cantar.
Toda a vegetação parece um mar:
As casas são as naus; montes, a barra.

Além, aqui e ali, medas de palha.
Loiras, como as de trigo ondeantes messes.
A implorar a paz, contra a batalha,
Convida um sino os bons fieis ás preces.

Vão em rancho cantando as raparigas:
Os môços vão atraz, de varapaus;
E, como cousas taes não são cantigas,
Os velhos, arrimados aos seus paus.

*

Agora é noite, vae subindo a lua,
Scintillam, no alto ceu, milhões de estrellas;
Fica toda a campina como núa:
São as horas do lar; depois, as cellas.

Só a vida do campo me seduz:
Um casebre por unico palacio,
Um lago azul, em vez do mar. «Oh rus!
Quando te verei eu! dizia Horacio.

Tudo n'elle me alegra, encanta e enleva,
E fôra-me esta aldeia um paraizo
Se aqui me não faltasse, á noite, a Eva
Que em muitos dos meus cantos divinizo!

26-VIII-18.

A VOZ DO ALÉM

«Comparando o meu estado
Ao do cégo Balisario,
Ou de Job, inda peor,
Vejo-me bem desgraçado.
Cahe-me em vagas o suór!
Que viver, e que fadario!
Tenho o corpo n'uma chaga;
O meu estomago é mau;
Trabalho, ninguem me paga;
O que tomo é caldo d'unto,
A perna esquerda é de pau!»
— Tróco já, disse um defunto.

25-VIII-18.

FADOS

«Das tristes hervas sou filha,
Das aguas correntes neta;
Doira o sol quanto vegeta,
Só para mim nunca brilha.

«Nasci bem longe, em Sevilha,
Exposta na lama infecta;
Vim para esta vida abjecta
Quasi nua, sem mantilha.

«Quem nos falla é sem reservas,
Com sorrisos insolentes:
São os amos, nós as servas!

«Ha destinos inclementes!
Sou filha das tristes hervas,
Neta das aguas correntes.»

*

CANÇÃO ESCOLAR

CANTAM aves os seus hymnos,
Canta a briza, a terra e o mar,
Tambem nós, os pequeninos,
Queremos hoje cantar.

É tristonho na puericia
Passar a vida a estudar:
Correr, brincar, que delicia!
Quaes avesitas voar!

N'esta edade o sangue estua,
Como a lava d'um vulcão;
Quer-se a liberdade, a rua;
Causa terror a prisão.

E prisão é com certeza
Toda a escola onde se estuda,
Vendo ao longe a natureza,
Para nós inerte e muda.

Mas, companheiros, coragem:
Sofframos esse castigo;
Não dura eterna a viagem,
Não é longe o porto amigo.

Sem se lêr, sem se estudar
Que desgraçado o porvir!
Ninguem se pode elevar,
Nem bem a patria servir.

Por mais que labute e cave
Na terra escabrosa e dura
Jamais será como a ave,
Que sobe e paira na altura.

Lêr bons livros, que delicia!
Outra não ha mais completa!
Só a despreza a estulticia,
Que vive na lama infecta.

Estudemos, pois, contentes,
Para alcançarmos ingresso,
Como heroes e combatentes,
Entre as alas do progresso.

ELLE!

Nos códices da historia e até na lenda
Um monstro, um cesar mais feroz não ha!
Mas não obstante inda no solio está,
E proseguindo vae na mesma senda!

Nada suppor nos faz que tenha emenda,
Ou que o remorso, cruel, minando o vá!
E extinctas são, ha tantos annos já,
Milhões de vidas, mortandade horrenda!

E não pára no bárbaro caminho!
Contra innocentes e anciãos investe,
Cheio de sangue o esquálido focinho!

Mas, n'outra vida, o Julgador Celeste
Tigre o fará, por mais atroz, marinho,
Monstro que exhala, por odôr, a peste!

ELLE!

Era no salão nobre, de apparato;
De pura lhama d'oiro o cortinado;
O sôlho, de mosaicos marchetado:
Um luxo sem egual, quasi insensato.

Na rica sala, explendida de ornato,
Cheio de mêdo, trémulo, acanhado,
Estava um grande artista, ali chamado,
Para esboçar a oleo o seu retrato.

Elle, velho, só rugas e magreza,
Immerso parecia em longo estudo,
Sobre um mappa, estendido em ampla mesa.

Súbito, ergue a cabeça, e carrancudo
Exclamou, com insólita fraqueza:
«Estou a ver Paris... por um canudo!»

O DESTINO

A M.elle Thereza Furtado de Antas
de Figueiredo.

Era alegre e nova, e linda
Como uma pomba que vôa.
Eu estou a vel-a ainda,
Em passeios triumphante,
Pelas ruas de Lisboa.
Adorava a onda, o mar,
O seu marulho incessante,
O seu terrivel bramar
N'uma lucta que não finda.
Invade-a um desejo ardente:
Quer ir vel-o, contemplar
O undívago gigante,
As gaivotas a passar.
Parte ditosa e contente.
Chega á praia, e de repente
Sóbe uma vaga, e tragou-a!

19-IX-18.

TODA LA VIDA ES SUEÑO

CAUSAVA a todos surpreza
Vê-la em plena mocidade
Na mais funda soledade,
Sendo um anjo de belleza.

Eu quiz sobre isto certeza,
E pela nossa amizade:
—«Diz-me, lhe disse, a verdade,
A causa d'essa tristeza?»

—«Meus dias passo enfadonhos,
Immersa na reflexão
De pensamentos tristonhos;

«Dil-o o poeta Calderão:
«A nossa vida é de sonhos,
Mas os sonhos... sonhos são!»

30-XII-18.

PARA OS CRENTES

STABAT MATER

Tudo se consumara. Ao pé da cruz
A pobre Mãe, a d'Elle e nossa, estava,
E os olhos razos d'agua, contemplava
O corpo ensanguentado de Jesus.

«Elle era a minha, era do mundo a luz,
Dizia erguendo a voz em tom magoado,
E n'este lenho o vi crucificado,
Lacerados os pobres membros nús!

«Vi-o n'aquella angustia dolorosa
De todos, quando a morte se avizinha,
A hora do trespasso temerosa.

«Vi-o morrer, e eu só a elle tinha!
Vós que passaes, dizia lacrimosa,
Vêde se ha dôr que se compare á minha!»

CHRISTO

Ha tantos annos já, Senhor do Monte,
Que te vejo pregado n'essa cruz!
Tu foste, em vida, para cegos, luz,
Para os sedentos de justiça, fonte.

Todo o bem irradia d'essa fronte;
Tua lei a bem pouco se reduz:
Pão aos famintos, roupa aos que andam nús;
Quem assim der, com grande premio conte.

Tu és o Filho, se não és o Deus,
O eterno, o invencivel baluarte
Que o impeto aniquilla dos atheus.

Estás nos corações e em toda a parte,
E querem os modernos phariseus
De novo, mas em vão, crucificar-te!

30-VIII-18.

VINHETAS E AQUARELLAS

*

A AVALIAÇÃO

A M.lle Lydia da Cunha Leão

Em uma execução contra o papá,
Foi n'este modo avaliada a filha,
Soberba morenita rosa-chá,
Andaluza de leque e de mantilha.

Um argentario disse: «A ôlho nú,
E visto o corpo que sua alma encerra,
Vale bem, mais que as minas do Perú,
Todo o oiro do Banco de Inglaterra.»

—«Vóto contra, esses calculos são maus,
Disse outro, successor de Pedro Sem,
Vale, sem discussão, todas as naus,
Que o vasto mar azul em si contem.»

—«Eu daria por ella, disse rindo,
Um amador de certo deus pagão,
Os esplendentes soes do espaço infindo,
Que eu podesse, feliz, haver ás mãos.»

—«Esse voto não serve, é pouco sério,
E até, disse outro, me parece estranho;
Eu, rei, dava por ella todo o imperio,
Mas sou pastor, só dera o meu rebanho.»

Esta resposta fez erguer a crista
D'um ganadero, que se riu, jocundo:
—«Um rebanho? disse elle; pobre artista!
Um rebanho? eu daria os bois do mundo.»

—«Silencio! disse então o juiz da praça,
Um homem novo, de cabello prêto;
Falle agora esse vate, que tem graça.»
—«Vale mais, muito mais: vale um soneto!»

8-VII-18.

MADRIGAL ANTIGO

Oh moças d'eburneos collos,
E dos languidos olhares:
Por vós não dera dous passos:
Mas por têl-a nos meus braços,
Transpozera, a nado, os mares,
Iria, de rasto, aos pólos!

RONDÓ

(Reminiscencia de V. Hugo).

— «Como, diziam elles,
Enfeitiçar as bellas,
Abrandar os seus rigores?»
— «Amae, diziam ellas.»

— «Como, diziam elles,
Levar as caravelas
Á ilha dos Amores?»
— «Remae, diziam ellas.»

— «Como, diziam elles,
Contradictar querelas,
Amuos e furores?»
— «Negae, diziam ellas.»

31-X-18.

INGENUIDADE ROMANTICA

—«Eu não sei para que fins
Ligas em ramo, assentada,
A baunilha perfumada
Ao geranio dos jardins.

«Um, de hortensias e jasmins,
Fôra o d'uma namorada;
Mas dou, já, por esse, um nada:
Um punhado de sequins.»

—«Nem por um milhão que fôra,
Que é para vasos d'altar,
Disse a puella encantadora.

«A ninguem o posso dar:
É para Nossa Senhora
Muito em breve me casar.»

17-VII-18.

OLIM ET HODIE

Ao general Souza Machado.

Bella pintura a oleo! Um bom retrato
D'uma artista que a fama diviniza,
Como eu a conheci, a fronte lisa,
O labio rubro, como a flôr d'um cacto.

Elegante, o seu luxo era insensato,
Desde as plumas ás rendas da camisa.
Agora de taes luxos não precisa,
Na cabeça uma touca por ornato.

Embriagava o seu olhar tão brando,
Mais que um velho e generoso vinho.
Em busca d'outra assim debalde eu ando.

O tempo transformou-a em pergaminho,
E até as pernas me tremiam quando
Por defronte eu passava de seu ninho!

A CEGONHA

Centenaria e feiticeira
Eil-a emfim na sepultura.
Fôra outrora uma esculptura,
Múmia á hora derradeira.

A cantar era a primeira,
E com tal arte e doçura,
Que lhe chamava o cura
A Maria cantadeira.

Foi a mais bella e risonha
Das moças d'aquella aldeia,
Bellas, como um poeta as sonha.

Mas, depois de velha e feia,
Era a Maria Cegonha.
E morreu a fazer meia.

DEUS E O DIABO

Ao visconde de Castellões.

Uma scena de amuo e de ciume.
Ella, com seu sorriso desdenhoso,
Ao seu amante increpa de vaidoso,
Por falsa educação e por costume.

Elle, sem ver qual o papel que assume,
Chama-lhe Dulcinea de Teboso.
Ella ri muito, e findo o riso nervoso,
Toda calma, lhe diz, sem azedume:

—«Eu, dizendo-me boa, não me gabo,
E dando a Deus meu coração honesto
Não o fiz em meu proprio menoscabo.»

—«A tua alma é de Deus, eu não contesto:
Mas teu corpo esse é meu: é do Diabo!»
—«Não te faças pavão: sê mais modesto.»

UM ANNO DEPOIS

A Candido de Figueiredo.

—«Como mudado estás do que ha bem pouco eras,
Na epocha feliz dos poeticos amores!
Tudo o tempo destroe: o vão prazer, as dôres,
Murcham lirios, a rosa, a flôr das primaveras!

«Faz hoje um anno já que sobre mim imperas:
Como esposa me dei, cedi aos teus ardores.
És inda, como outrora, o rei dos trovadores:
Dá-me um dia de luz, de sonho, de chimeras.

«Quero inda hoje vêr, do meu esposo amado,
Como outrora, a expressão de terna languidez
Em teus olhos de poeta, ardente e namorado.

«Quero ainda sonhar que com amôr me vês!»
—«Pois sim! e haja festa: emborcarei dobrado,
E dançarei, já ôdre, o velho sólo inglez.»

29-IV-18.

NIGRA SUM

« Negra sou, mas sou formosa,
Tenho os dentes de marfim,
O meu corpo é de setim,
Na côma sempre como a rosa.

«A Sulamite famosa,
Diz a lenda que era assim;
Mas tão galante, ai de mim!
Vivo triste e pesarosa.

«Vi um branco á beira-mar,
Mas tão crú, que nem sequer
Me recolheu no seu lar!

«Que desgraçada mulher!
Esse que adoro a chorar,
Ri-se de mim, não me quer!

INGÉNUO

Um miserando Espronçêda
Escreveu com mão tremente
Esta cartinha á ridente
Amante, bella mas trêda.

O papel era de sêda,
Para assim, ingenuamente,
Tornar mais brando e clemente
O que ella tinha de azêda.

— « Embora a vida me escondas
Já não me enganas, Maria:
Tu és falsa como as ondas!

« Eu, se te amei, não fingia,
Que sou como Epaminondas,
Que nem brincando mentia! »

4-V-18.

O ENXOVAL

«Com outro vou casar, que sou catholica;
Um enxoval mais triste nunca vi!
Com que prazer, dizia melancolica,
Eu faria estas cousas para ti!»

*

NUM DIA DE ANNOS

É HOJE o dia da festa
De teus annos, bella amiga;
Mas em vão bato na testa:
Não sei que faça ou que diga.

Palavras leva-as o vento;
Pedras finas, quem m'as dera!
Dar-te cousa de espavento,
Eu a ti? pura chimera.

Nada, nada de etiquetas;
Em tuas mãos delicadas,
Ponho estas pobres violetas:
São trez, mas por mim criadas.

O JUIZ

A Vicente Rodrigues Monteiro

Fóra do tribunal, aquelle amigo
Era um sujeito alegre e folgazão;
Como juiz, porém, era um dragão,
Ele era a propria lei, era o castigo.

Mas cá por fóra, como acima eu digo,
Era outro: um burguez bonacheirão;
A todos estendia, urbano, a mão,
E corteiava até qualquer mendigo!

Hontem, lendo a sentença em que applicava
A multa a um jogador — «Aqui d'El-rei!
Gritou este, escumando, em furia brava.

— «Eu não fiz mais... que executar a lei...»
— «É que Vossa Excellencia é quem talhava
Na casa de batota, onde joguei!»

14-VII-18.

PHILOSOPHO

Ao Dr. Abilio Camões.

Um passo miudinho, de mulher;
Um ventre, que se nota, assás rotundo;
Nos labios rubros um sorrir jocundo;
Calvo, como d'Annunzio e d'Alambert.

Na lapela, da esquerda, um bem-me-quer;
Emfim, um quasi dandy do alto mundo.
Nédio e baixo, isto é, basso profundo,
Solfeja a miudo uma canção d'Auber.

Tem casa, ricamente mobilada,
Um palacete em que elle proprio habita;
Traz sempre panda a bolsa, recheada:

Fortuna, cuja origem ninguem cita;
Não lh'a trouxe a mulher: não tinha nada:
Então? Isto o revela... era bonita.

10-VII-18.

A REGRA

A José Gomes da Silva
e Mattos Souza Cardoso.

AQUELLE bom rapaz, inda illudido
Pelas róseas visões da mocidade,
Amava, como louco, uma deidade,
E anhelava por ser correspondido.

Um dia, em que n'um baile, de ruido,
Dado em honra das bellas da cidade,
A deparou a sós, com lealdade,
Lhe disse estas palavras commovido:

—«Andei por França e Italia, e nunca hei visto
Um rosto mais gentil e prasenteiro;
És a deusa do Amôr! Não te resisto,

«E hei-de disputar-te ao mundo inteiro;
Não me respondes?»—«Sim, digo só isto:
Tu és pobre, e o que é bom custa dinheiro.»

6-VII-18.

A PERSEGUIÇÃO E A NATUREZA

Ao Dr. Francisco Teixeira
de Queiroz.

«Estaremos, senhor, na meia-idade,
Melhor talvez do que esta de hoje em dia,
Em que uma dama nobre não se via
Sem pagem, pelas ruas da cidade?

«Mas a mim, e sou d'essa qualidade,
Já não me apraz tão alta cortezia,
Pois reparei que toda a gente ria
Da sua persistente assiduidade.

«Diga: o senhor quem é? Acaso poeta,
Homem que em livros e nos astros lê?
O que mais me parece é que é pateta.

«Que deseja de mim, vossa-mercê?
Não me persiga mais; ja ando inquieta,
N'um desejo cruel... não sei de quê!»

26-VI-18.

O SEU IDEAL

Ao Dr. José Eduardo
de Oliveira.

Aquelle infeliz rapaz
Já não parece o d'outrora,
Pela chamma que o devora:
Um amor que n'alma traz.

Ella é gentil, mas sagaz
Os pobretões desadora.
Má, ri-se quando elle chora,
E até já cruzes lhe faz.

Eu vendo-o tão abatido,
Quasi velho, acabrunhado,
Disse-lhe assim, compungido:

«Tu andas muito enganado:
O que ella quer é marido,
Quer um bacharel formado.»

4-X-18.

DIO DEL'ORO

Já ha muito morri, mas não obstante
Em lembrança do tempo em que vivia,
Pedi alentos ao loiro malvazia,
E, envolto n'uma capa de estudante,

Fui-me em procura d'uma certa amante,
Hespanhola, talvez da Andaluzia,
Clara e ardente como a luz do dia,
E doce como as uvas de Alicante.

Bato receoso: abriu-se uma janella:
—«Ceus! que vejo! um defunto! isto é bruxêdo!»
Disse a tremer, espavorida, a bella.

—«Sim! mas não ouves, lhe disse eu a mêdo,
Em mim um som, que bons sequins revela?»
—«És pois vivo! soubesse-o eu mais cedo...»

22-VII-18.

EHEÚ!

A Guerra Junqueiro.

— «Vê se apagas o amor que me devora,
Deita-lhe algum azeite na torcida;
Eu quero-o vivo ou morto, que esta vida,
Como eu a vou levando, me apavora.

Lamento-me a chorar, a toda a hora;
Lança-me algum azeite na torcida...»
A bella riu e riu, como perdida;
Poz o lindo chapeu, e foi-se embora.

E sem recato, sem vergonha alguma,
Eu continúo, em pensamento, a amal-a,
Nuvem tenue que passa, a onda, a espuma.

Sim: é fazer do sambenito gala;
Mas que me importa? mesmo nada em summa:
Hercules fiou na rocca aos pés d'Omphala.

29-VIII-18.

PERDIDA!

Ao Dr. Manuel Francisco Machado.
Obidos, Pará.

Cedeste como Haydêa ao D. João,
Como a ave á serpente apercebida;
Cedeste e não te vejo arrependida:
Ris muito, e pareces-me um chorão.

Controvertem os sabios a questão,
Desde ha longo tempo debatida,
Se em muitos dos successos d'esta vida
Haverá livre arbitrio: talvez não.

Nós somos como Ophélia na corrente;
N'este mundo fatal tudo assim vae,
Á voz não sei de quem, fria, inclemente.

Cahiste, como o lirio ao vento cahe,
Pelo desejo hysterico, vehemente,
De me fazeres venturoso... e pae!

22-VIII-18.

A ULTIMA PRECE

Ao Dr. Alfredo da Cunha.

PERSEGUIDA por Tenorio,
Alda, pérola d'Ormuz,
Sente que o Mau Anjo a induz
A louco amor transitorio.

No seu tranquillo oratorio,
Ajoelhada aos pés da cruz:
«Oh meu divino Jesus,
Diz ella em tom merencorio;

«Eu ando cheia de mêdo,
Padre nosso, padre nosso;
Pois hei-de cahir tão cêdo?

«Pelo grande poder vosso,
Livrae-me d'este bruxêdo,
Que resistir-lhe não posso!»

21-X-18.

AS DE AGORA

A Eduardo Cabrita, de Cuba

— «Olhae que são fugitivas
Illusões, rosas do outomno,
E o digo sem falso entôno,
A vós que sois sensitivas.

«Eu cá, sou das positivas,
E embora em meu desabôno,
Fazem-me cahir de somno
As canções dos Almavivas.

«Eu, se algum homem pretenda,
Pouco me importa macaco;
Que fume e empeste a vivenda,

«Ou que o seu deus seja Baccho;
E quem quizer que me entenda
O que eu o não quero é fraco.»

18-VIII-18

O PUNHO DE AJAX

Ao Dr. Abilio Camões

Fui sempre dos que vivem nas estrêllas,
No sonho d'esses mundos esplendentes,
Mas nas ondas do amor sou dos prudentes,
E jamais naveguei, pandas as velas.

Quantas não tenho visto ideaes donzellas,
Porém que são, na essencia, horriveis entes,
Lindas por fóra, no interior serpentes!
E tu, quem m'o diria! és uma d'ellas!

Por esta vez, porém, erraste o alvo,
Perderam-se no ar os teus farpões:
Suppozeste-me um crédulo papalvo,

Que ardesse ao fôgo accêso das paixões!
Mas de ti me escapei, a são e salvo,
Como Daniel, da cova dos leões.

11-X-18.

CLEÓPATRA

A Cleópatra, a mulher de toda a gente,
Essa rainha, d'um furor insano,
Tinha por Marco Antonio, um deus romano,
Um quasi amor de virgem, doudo, ingente.

Mas elle, pela fama incongruente,
De que a bella gozava, deshumano,
E suspeitoso d'um futuro engano,
Só tarde lhe acceitou a chamma ardente.

Ella então, n'esse dia, rôto o cinto,
Exclamou, com a voz entrecortada,
Nas alfombras do lúbrico recinto:

«Um banho, um banho d'agua perfumada!
Oh! como sou feliz! toda me sinto
Voluptuosamente maculada!»

5-VIII-18.

CRYSÁLIDA

Ainda ha pouco tempo era educanda
No collegio das Filhas de Maria;
Só as «Horas Mariannas» lia,
E uma vida passava inerte e branda.

Mas como já de saias longas anda,
Estuda-se ao espelho, noite e dia,
E fazendo o que então nunca fazia,
Passa horas e horas á varanda.

Á moda sempre, com esmero e asseio,
Já agora não traz os olhos baixos,
E até, sem algodões, lhe avulta o seio.

Loiro o cabello, penteado em cachos,
Quando, com sua mãe, anda em passeio,
Vai com seus olhos percorrendo os machos.

25-XII-18.

UMA VIDA COMO TANTAS

Ao visconde de Castellões.

«Não sei, e parto-me embora,
O que vim fazer aqui:
Vim á luz, mamei, comi
Como um urso que devora.

«Todo o vasto mundo em fóra,
Namorando percorri;
Sempre alegre, muito ri;
Tudo, emfim, que se evapora.

«Já vejo a Negra nos ares,
Talvez só viva um segundo;
Que phrase, das não vulgares,

«Direi, meu sabio profundo,
Ao deixar meus pobres lares?»
—«Vou-me... e nada perde o mundo.»

21-X-18.

CHORANDO

«Oh! como é vã e fugaz
Uma ideia de venturas!
Depois das minhas loucuras
Uns dias sonhei de paz.

Não te julgava capaz
De te rir das proprias juras!
Tu, a mais vil das impuras,
Dentro em breve o pagarás.

O poeta morreu; chorai-o!
Para mim o sol é posto,
E, de rir, quasi desmaio!

Eu, a rir com tal desgosto!
Assim ri o papagaio,
Melancólico no rôsto!

23-VII-18.

DESABAFO

A Anthero de Figueiredo.

Tomei um calix de hortelã-pimenta,
E não fiquei melhor; pelo contrario,
Fiquei de mau humor, incerto e vario,
E esse estado, o que segue o fundamenta:

Faz-me chorar o ver como nojenta
A turba apóda o artista de lunario!
Vive o poeta n'um mundo imaginario,
E n'este tudo o enerva e descontenta.

Eu indo sobre o Pégaso cavalgo,
E a essa turba digo, a fronte erecta:
«Vae-te, foge de mim a pés de galgo!

«É chato, muito chato além da meta,
O palerma burguez ou filho d'algo,
Que chama ao poeta, por desprezo, poeta!

27-VII-18.

CONDEMNADO

A Acacio Rosa.

Para tudo, linda Rosa,
Olhas da tua janella;
Para a zingara assaz bella,
Que gira em danças vistosa;

Para a chuva estrepitosa
Que se resolve em procella;
Para qualquer bagatela,
Para uma velha andrajosa;

Para a pomba que esvoáça;
Para os gestos do arlequim,
Que trabalha além na praça;

Para tudo, tudo, emfim,
Até para um cão que passa!
Só não olhas para mim.

23-VII-18.

DIÁLOGO DAS INUPTAS

A Julio Dantas.

Umas bellas raparigas,
Em secreto ajuntamento,
Em descanço de fadigas,
Palravam entre si, amigas,
Sobre o amor e o casamento.

Disse Aida, bella morena:
«Ha n'esta vida prazeres,
Mas a somma é bem pequena,
E casar não vale a pena,
Se o marido é sem haveres.»

«Eu, para mim, disse Cleta,
Lirio de ethereos jardins,
Não quero senão um poeta,
Que traga a bolsa repleta
De reluzentos sequins.»

Disse a loira Cyntia: «Eu cá
Prescindo de madrigaes:
E casava já e já,
Com um, como diz papá.
Que tivesse cabedaes.»

Lélia, a do rosto fagueiro:
«Eu pobre? antes não casada,
Antes viver n'um mosteiro;
N'este mundo, sem dinheiro
Que póde fazer-se? — nada.»

«Todas vós tendes razão,
Disse Aida, mas não vos gabo;
Quero alguem de posição,
Ministro, conde ou barão,
Mas seja o que fôr, nababo.»

«Não concórdo, disse Stella,
Quero um homem de talento,
De violetas na lapela,
De perna elegante e bella,
E, quanto a bens, opulento.»

Diz depois a joven Lilia,
Das boas musas alumna,
«Quero ser mãe de familia.
E por isso, que quizilia!
Quero esposo de fortuna.»

—«E sem dotes? falle alguma.»
A esta voz zombeteira,
Do animal que ri e fuma,
Foram partindo uma a uma,
Sendo a fidalga a primeira.

1-VIII-18.

A UMA DONZELLA

Lydia da Cunha Leão.

O typo ou fórma da escripta,
Revela, ao certo, a pessôa:
Assim, vossencia, é bonita,
É nova, elegante e boa.

16-V-18.

EM COIMBRA

A Eugenio de Castro.

Elle era estudante; e ella,
Uma joven recatada;
Mas pudôr não vale nada,
Quando a paixão se revela.

Ao namôro de janella
Seguiu-se o outro: o da escada,
E o tal melro deu entrada
No domicilio da bella.

—«Tu és, disse elle, galante,
Mas vou partir sem demora,
Que a minha casa é distante.»

—«Como! já te vaes embora!»
—«Um amor d'um estudante,
Não dura mais que uma hora.»

18-VIII-18.

COMO EVA

Ao Dr. Antonio Augusto Pacheco.
Açores.

Era nova e gentil, mulher hodierna em tudo;
Amava o amor profano; o outro com bafio;
Era, porém, leal, e era de seu brio
Andar vestida bem, á moda sobretudo.

A divina amorosa increpava, a miudo,
Aquelle que ella amava, e achava-o agora frio;
Elle amava-a, porém, mas d'um genio sombrio
Passava horas sem fim, sem lhe dizer nada, mudo.

—«Acho-te distrahido: outrora, enamorado
O teu mundo era eu, e agora rara vez
Reparas como estou, se estou ao teu agrado.

«Diz: como achas melhor: o meu vestido inglez,
Ou este que comprei nos armazens do Chiado?»
—Acho-os bons; mas prefiro o da tua nudez.»

O PRAZER E A DÔR

A Luiz de Andrade — Rio de Janeiro.

O mundo, o mundo! É d'um encanto infindo.
Que pena não terei de o ter deixado!
Para um poeta, embora nunca amado,
Não ha mundo melhor, astro mais lindo.

Qual maçarico, á beira-mar carpindo,
Vaes caminhando, em lagrimas banhado;
Segues, porém, por um caminho errado,
Esse caminho não vae ter ao Pindo.

Pede ao vinho do Porto que te ajude
Que teus versos são frouxos, por doentes;
Desfaz-te da nevrose que te illude;

Deixa o triste violão dos descontentes:
Aos vinte annos, em plena juventude,
Só uma dôr existe: a dôr de dentes.»

LAMARTINIANOS

A Eduardo Cabrita, de Cuba.

Vou chorar, para dar gôsto
Aos que me accuzam de frio,
O pranto corre-me em fio,
Como um choveiro d'agosto.

Para mim o sol é pôsto,
E ouço, triste e sombrio,
D'um môcho o funéreo pio.
Sinistro como o seu rôsto.

A bella canção divina
Que em mim ouvia sonhando
Vae-se perdendo em surdina.

Porém, bêbo, cômo, e ando;
E eis aqui, turba asinina,
O que eu te digo, chorando.

17-IX-18.

ROSARIO ESPIRITUAL

*

O ESPIRRO

Um dia o Padre Eterno, inspeccionando
A Terra fria, com S. Pedro atraz,
Espirrou, e que espirro formidando!
«Dominus tecum» disse Satanaz,
Constipado, Ancião, tambem eu ando.

ILLACRYMAVEL

—«Como é tristonho o meu fado!
Vou deixar-te, D. João!
Como vaes ser desgraçado!
Chora, chora!»—Oh! isso não.

IN ILLO TEMPORE

Eu chamava-lhe Julietta,
Gorgeando de Romeu,
Ou Marilia, e então Dirceo,
Fiz da cithara trombeta.

Essa paixão de opereta
Por longo tempo viveu;
Agora, porém, morreu,
Tombou de lado a ampulheta,

Que essa musa angelical
Namorou-se d'um basbaque
Que lhe fez um madrigal!

Tive mêdo d'um ataque,
Mas ri-me, que o meu rival
Era um poeta d'almanach!

O QUE AS MOVE

Ella, toda requébros e sorrisos,
Tal como o cão do «Fausto» me anda á róda,
Porquê? Porque lhe são muito precisos
Alguns sequins para um chapeu á moda.

O REMEDIO

—«Tu que vendes?» de cima, da janella,
Pergunta a mais romantica das rôlas
A certo vendilhão, vendo-o passar.
O homem, debaixo, diz: «vendo cebolas,
Senhora, e nada mais posso vender-vos.»
—«Então sobe depressa, diz a bella,
Porque a cebola, em crú, nos faz chorar,
O que, como é sabido, acalma os nervos.»

2-VII-18.

AS CARNES

Ao Dr. Alves de Moraes.

Sei qual a vida dos vivos,
Mas ignoro a dos defuntos,
Por isso, adoro os presuntos,
Ideaes, mas positivos.

Uns lindos olhos lascivos,
São para mim o transumpto,
Os poeticos assumptos
De meus versos transitivos.

Mesmo sem vinho, sem lastros,
Tem para mim seus encantos
A contemplação dos astros:

Lá vivem talvez os santos,
Mas eu adoro, de rastros,
As santas de cá... sem mantos.

20-VI-18.

A PREFERENCIA

Toda a dama dos salões.
Toda a mulher elegante,
Deve ter dous corações:
O d'ella e o de seu amante.

Tens o meu, anjo celeste;
O teu, pelo qual eu grito.
Não me pertence que o deste
Ao teu maltez favorito!

6-VII-18.

FILIAÇAO

—«Um quadro natural, rustico e bello!
N'esse burrinho como linda vae!
Melhor, porêm, iria n'um murselo.
—«Eu só monto no burro de meu pai.»

6-V-18.

PARA UM ALBUM

— « Para o meu album novo é-me preciso
Um poema qualquer, em versos teus.»
— « Ahi te vae, amigo; é de improviso:
« Muito palerma cria o pão de Deus! »

7-VII-18.

PARA OUTRO

—Sabes muito de drogas de familia:
Ando mal, e receio-me defunto.
—No Bom Jesus, sob um espêssa tilia,
De vinho uma cabaça, e bom presunto.

7-VII-18.

PARA OUTRO

—«Dize-me, caro poeta, o que é aquillo
Que tu mais amas.»—Não é longo o rol,
Nem é cousa de guardar sigillo:
Um bom paio, um jumento, e um guarda-sol.

7-VII-18.

AS DIFFERENÇAS

Entre o homem e o saguy
Ha bastante semelhança;
Mas sobre isto, eis o que eu li:
«O primeiro fuma e dança
E se chora, tambem ri.
Quanto ao macaco, e em summa,
Esse não dança, nem fuma,
E nem ao menos sorri.»

1-IX-18.

ELLA E ELLE

—«Puzeste-me, bregeiro, em bom estado,
E desadoro de bébés o cantico:
Manda droga—» Isso não, será creado.
—«O diabo sahiu-se-me romantico!»

7-VII-18.

*

O DIABO DEPOIS DE VELHO

—Estás rezando o terço, tu que amei?
—Pelos fieis defuntos, conta a conta.
—Pelos teus namorados, oh! bem sei:
Mas elles, velha amiga, não têm conta.

7-VII-18.

POR COMPRA

—Tinhas a face bella, agora é feia:
É findo o teu poder sobre a mulher.
—«Que simplorio! quem tem a bolsa cheia,
Tem sempre, como eu tenho, as que quizer.»

7-VII-18.

PERGUNTA E RESPOSTA

« Escreves-me uma quadra, em que não mofes
N'esse meu novo album, que remetto?»
—«Pois sim, mas vales mais que umas estrophes:
Vales todo um poema: um bom soneto.»

8-VII-18.

O CASAMENTO

«Não caso, nem me apodem de casmurro:
Não se casa no mundo quem bem quer:
Eu, se nem posso sustentar um burro,
Como sustentaria uma mulher?

De mais, um casamento, até feliz,
Tem muitas cousas más, contras diversos.
Não digo quaes, mas santo Ambrosio o diz,
E quanto a amor... isso é bom thema em versos.»

9-VII-18.

AS VERGONHAS

—Velha musa, eu estranho essas maneiras:
Tu estás, grande bebeda, pejada!
—Estou sim, me disse ella envergonhada,
De tuas sensaboricas asneiras!

—Pois então, vindo á luz, fecha esses labios,
Não digas que sou eu o seu papá
Senão vou para o numero dos sabios
Com elogio, rendas e alvará!

10-VII-18.

A MELHOR RECEITA

—«Não andas bom, bem se vê.»
—«Sim, mas que devo eu tomar?
És doutor, dize-me o quê?
Irei aos banhos do mar?
Aguas? Gerez ou Curia?»
—«Toma paio e malvazia.»

13-VII-18.

MÁ LINGUA

Elle era um comilão, muito notado
Por andar quasi sempre de casaca,
Vendo-o um dia com a esposa ao lado:
—Bem! anda agora a passear a vacca!

15-VII-18.

MADRIGAL

—«Tu és Rosa, não me engano?»
—«Não, o meu nome é assim.»
—«Lá me parecia a mim:
És rosa de todo o anno.»

16-VII-18.

PARA A JANELLA

—«Bella pescadeira á linha,
Bem entendo o teu cuidado:
Lança-me a isca daninha,
Que morro por ser pescado.»

DEVOTA

Tão nova, passas a vida
A murmurar padre-nossos!
É que é verdade sabida.
Que não ha carne, sem ossos.

Mas ouve, de ouvido atento,
Embora te descontente:
Vale mais um de que um cento,
Resado sinceramente.

Disse um anjo ao Padre Eterno:
—«Que diz d'aquella senhora.
A rezar continuamente?»

Respondeu, com voz clemente:
—«É com receio do inferno;
Mas, emfim, é maçadora.»

21-VII-18

MADAME DE SÉVIGNÉ

(HISTORICO)

Depois de reluctancia d'um momento,
Resignada, accedeu essa madama
A dar a bella filha em casamento,
E de que isto dissera, corre fama:
«Dar-lhe a filha, de tantas sympatias.
E dar-lhe, ainda mais tanto dinheiro!»
Mas depois, e n'um tom já galhofeiro:
«É verdade que é... todos os dias.»

17-VIII-18.

JUDAS

Brutus fulano de tal,
Dos aváros o primeiro,
Pouco menos que animal,
Sem consciencia, e sem estudos,
Mas que lia em horas d'ocio,
Nunca de noite, de dia,
Lendo o episodio de Judas.
Perguntou quanto valia
Naquelle tempo um dinheiro!
Disse-lhe alguem: «dous escudos.»
Caspité! exclamou, que socio!
Boa somma para ajudas!
Fez emfim bem bom negocio!

HARPAGON, PAI

—«Venho dar-lhe horrivel nova,
E é bem triste que lhe fallo:
Seu bom filho, o bacharel,
Cahiu, andando a cavallo,
Cahiu em profunda cova,
E apezar de auxilios promptos,
Ninguem pôde reanimal-o!»
—«Oh! que noticia cruel!
Foi-me sempre a sorte esquerda!
Não sei se é peor o abalo,
Se a grandeza de tal pêrda!
Lá se me foram dous contos,
Que eu despendi a formal-o!»

13-X-18.

ME JUDICE

« Vês aquelles bois jungidos,
Caminhando a passo lento.
Em silencio e entristecidos?
Pois é isso o casamento. »

11-VIII-18.

MADRIGAL ANTIGO

Onde o céu? Nem sciencia ou arte,
Nem os códigos da Egreja
Nos dizem onde elle seja:
Digo-o eu: em toda a parte
Onde a branca Lydia esteja.

*

TALVEZ NÃO

PARA nós, o amor é sol
Que nos abraza os sentidos:
Para as mulheres o anzol
Com que se pescam maridos.

14-VIII-18.

BURGUEZ ENAMORADO

—Que fazes tu, costureira,
O lindo busto curvado,
A coser assim ligeira?
Teu vestido de noivado?

—Não, senhor; uma camisa,
Para o dôno d'esta casa:
Namorado, é d'esta guiza,
Que me anda a arrastar a aza.

21-VII-18.

EPITAPHIO

Aqui um fôna jaz, na vida um santo:
Morreu, não como dizem, d'um torresmo;
Morreu, causando ao mundo assombro e espanto,
A vomitar de nojo de si mesmo.

O TÉDIO

NADA no mundo se alcança
Que o tédio em pouco não mate:
A mais ardente amorança
Morre no ardor do combate!

Ouve: o amor, quem tal diria?
É para velhos e novos,
Uma cousa que enfastia:
Um paio frito com ovos.

MADRIGAL

Chamei a musa, dormita,
E até me falta a grammatica:
Para quê? Cousa exquisita.
Para dizer que és sympatica.

JUDICES LOVÊS

— Que dizes d'essas gentes?
— «Falla tu, que és profundo.»
— «Somos bons e valentes,
Suppoem-nos idiotas,
E são umas serpentes!
São a ralé do mundo,
São maus e são patifes;
Fazem de nós seu fundo:
De nossas pelles, botas:
De nossos córnos, pentes,
De nossas carnes, bifes!»

6-VIII-18.

UNICO MESTRE

—Responde-me, caro amigo:
Quem é que te fez poeta,
Em versos um quasi estheta?
Virgilio? um genio antigo?
Camões, ou outro moderno?
—Amen, amen, eu te digo:
Foi o verbo, o Padre Eterno.

11-VIII-18.

AO FOGÃO

O ATAQUE E A DEFESA

A Alberto Pimentel.

—«Não fallas senão em ti!
Ora diz: que importa ao mundo
Que sejas triste ou jocundo,
Bella figura ou saguy?

«Outro assim eu nunca vi!
E n'isto que eu ouço abundo:
Que a tua obra, no fundo,
Não vale um maravedi.»

—«Com o dizer engraço:
Os teus reparos, antigos,
Porque os ouço a cada passo,

«Valem conselhos de amigos,
Mas dou os versos, que faço,
Como a figueira dá figos.»

PESSIMISMO

A Abilio Forjaz de Sampaio.

Oh Musa antiga de paio,
E de outras cousas á lista,
Não descomponhas o artista.
Nem o olhes de soslaio.

Mas, nem sempre papagaio,
Ou gallo e rubra crista:
Estou hoje pessimista,
Estou Forjaz de Sampaio.

Ouvi-me a voz de Stentor:
Fugi sobretudo á carga,
Do casamento e do amor.

Até isso nos amarga!
O que é bom vae-se a vapor,
O que é mau, jámais nos larga!

13-VII-18.

REPLICA

Ao Dr. João de Barros.

FACE a face, depois d'um bom repasto,
Cotovêllos na mesa, onde ainda havia
Numas taças o loiro malvazia,
Noutras o verde, salutar, de Basto,

Um, grande poeta, inteiramente gasto,
De longa barba, e calva lusidia,
Ao outro, astro menor, assim dizia,
Em conclusão final d'um thêma vasto:

«Ao que te digo não me impelle a inveja,
Serpe de mordeduras venosas
Reptil que em maus espiritos rasteja:

«Em teus versos, e até nas prosas,
Nada de util se lê, que grave seja!»
—«Util é o nabo, inuteis, são as rosas.»

VAIDADE

—És um poeta bufão,
Disse-me um vate sandeu.
—Sim! mas sois a legião,
Emquanto que eu... sou eu...

5-VIII-18

IRREVERENCIA

Quando a vasta sciencia humana
Discute a Causa Primeira,
E abre a bôca, não me engana:
Entra mosca ou sahe asneira.

Esta, alegra a quem é triste:
Quando, depois d'uma pausa,
Diz solemne: «Quanto existe
É puro effeito sem causa».

Sim; porém, tu és, Sciencia,
Como a bota que talvez
Negasse, um dia, a existencia
Do sapateiro que a fez!

14-V-18.

ALTERI TEMPI

Foi um janota, agora usa da bécca:
É macambuzio, outrora folgazão.
Novo, o seu instrumento, era a rabeca,
Agora, na velhice, o rabecão.

15-VII-19.

*

EM MINHA DEFEZA

Oh multidão de criticos de praça!
Lembrai-vos da verdade que vos cito:
Esta: não ha ninguem que não se faça
Incontestavel centro do Infinito.

A APPLICAÇÃO

É CERTO. Como em Képler se acha escripto
Astronomo allemão que vou citar-te
Porque d'aquillo que affirmei te riste
Esse tal Infinito é vaga esphera.

Cuja circumferencia não existe
Mas cujo centro está em toda a parte.
Se esta cousa não passa de chimera,
Meu centro é o proprio centro do Infinito!

12-VII-18.

BOM CONSELHO

Se não tens um pensamento,
Ou uma idea qualquer,
Não gastes um só momento,
Mau poeta, a fazer versos:
Os fados te são adversos.
E nem a musa te quer.

Emprega em outros negocios,
Algum tempo que te sóbre,
Tuas noites, os teus ócios,
Vate, de espirito pobre
Se cantas, canta aos beocios.

13-VII-18.

A RESPOSTA DO VELHO

—Tu, Gérome, nessa edade
Inda esculpes moças nuas!
—Engole essa necedade,
Tu, quanto a arte, jejuas.

16-VIII-8.

TRISTE CONSOLAÇÃO

Ao Dr. Guilherme Cunha Reis

A que atroz decadencia, João Tenorio,
(Eu não tomo este nome por vaidade,
Mas porque o meu, já grande por metade,
Fôra, em verso, peor que o de Gregorio)

A que atroz decadencia, isto é notorio,
Tu chegaste, alquebrado pela edade!
Tão alegre e gentil na mocidade,
O nariz já te pende, merencorio!

A taça do falerno e da cerveja.
Que te rejubilava, é d'agua fria;
O bom paio morreu, e jaz na egreja,

No sepulcro, onde jaz tua alegria;
E quem sabe! talvez cause inveja
A quem ri, a quem bebe malvazia!

6-VII-18.

CONSEQUENCIA DA GUERRA

Ai! quem ainda ha pouco m'o diria!
Em grande risco estou de dar á costa,
Pois que o que vou gastando, dia a dia,
Mal chega para o bife, o chá e a tosta!

E já prevejo o transe lastimoso,
Se não me fulminar ou bomba, ou gotha
Eu, outrora, tão nedio, e tão mimoso,
De beber agua, e de comer bolota!

7-VII-18.

BILHETE

«Podes vir, sem o minimo terror,
Podes vir dar-me o fraternal abraço,
Que eu não recito a alguem, seja quem fôr,
Quaesquer dos versos, modorras, que faço.»

8-VII-18.

NO S. JOÃO

A meus primos D. Virginia S. Romão,
e dr. José Machado

Via passar o rei David,
Vi passar a mocidade.
Invadiu-me uma saudade,
E chorei como uma vide.

Nada tudo em grande lide;
São as festas da cidade.
Mas a mim, que vivo frade,
Mais a tristeza me agride.

Vão-me tocando o epicedio,
Que por mais que gêma e chore,
Este mal não tem remedio.

Só tu, talvez, se te implore,
Oh Silêno, antigo e nédio.
Me darás, com que o minore!

24-VI-19.

MAU HUMOR

A Guedes de Oliveira

Dei agora, coitado, em noitibó,
Em caturra senil e resmungão;
É que meus annos a galope vão
Pelo caminho que nos leva ao pó.

Sem a paciencia do lendario Job,
A todos mostro os dentes, como um cão,
E em vez de alegre e rútila canção,
Só faço d'isto, que me causa dó:

«Agora, tudo é prosa, tudo é triste;
A vida é como estólido entremez
Que não varia, sem canções, sem chiste;

O Deus Cupido já morreu de vez:
Jaz sepulto no Olympo, e o Deus que existe,
Bifronte, é o salpicão, e o bife inglez.»

3-VII-18.

DESÁNIMO

Ao primo João San Romão

Como tu, S. João Baptista,
Ando a prégar no deserto;
Ninguem me escuta, de certo.
Oh! se eu fosse um gatarrista!

Que tristeza, para o artista,
Sempre em lucta no campo aberto,
Não ver, nem longe, nem perto,
Quem a seus gestos assista!

Que fazer? Agora é tarde
Para mudar de instrumento,
E seria de cobarde.

Vem-me agora um pensamento:
Cantar forte, e com alarde,
Como zurra o meu jumento.

21-VI-18

CÁ E LÁ

A Emydio d'Oliveira.

NINGUEM sabe o seu destino
Quando transponha os umbraes
Dos espaços sideraes.
Como, porém, o imagino,

Resurge-se lá menino,
Vae-se de filhos a paes,
E os dias vão indo eguaes,
Ao deste mundo supino.

D'aqui a um século já,
Quem sabe, caso espantoso,
Se ainda alguem me lerá.

Quando no astro radioso,
Para onde d'este me vá,
Esteja velho e gottoso!

16-VII-18.

HOC ERAT IN FATIS

A meus primos D. Maria Candida S. Romão
e esposo Dr. José Maria de Andrade.

TENHO saudades de tudo
Do que fui e do que vi;
Das noites que não dormi,
Até das noites de estudo!

Não; eu não era sizudo,
Oh! meu Deus! como eu não ri
Da marqueza d'Amnagui,
De Musset, um bom contudo

Mas basta! que reconheço
Que se vivi, hoje estou
Como virado do avêsso;

E tristonho como um grou,
Agora não me conheço,
Agora não sei quem sou!

18-VII-18.

RINDO

De ti minh'alma precisa;
As tuas graças esmólo,
Que vôa, de pólo a pólo.
Teu nome de prophetiza.

Mais bella que Mónna Lisa,
De branco mármore o collo,
És sim, és filha de Apollo,
Ora musa, ora poetiza.

Mas escuta, Magalôna:
Tive esta idea, um clarão:
De calça larga e rabona,

No meu ginete alazão,
Ao bom filho de Latôna,
Vou pedir-te. Sim ou não?

23-VIII-18.

MOLIÈRE

Molière, o do «Doente imaginario»
Era-o elle proprio, assim como eu.
Na comedia era um deus, era um Protheu,
Mas, na vida real, um visionario.

De anecdotas é longe o seu rosario:
Esta, que vou contar-vos, succedeu.
Certo dia, em que a scisma o ensandeceu.
Aterrado, exclamou: «Triste fadario!

«Talvez o meu trespasso, a Deus apraza!
Vão chamar o doutor que móra junto,
Que estou a arder em febre, estou em braza.

«Depressa, que receio-me defunto;
Se, porém, virem que sahiu de casa,
Tragam-me uma omelette, de presunto.»

7-II-18.

*

O BOI E O HOMEM

Eu preguntei a um boi: «Como te trata,
O teu dôno?» Responde-me sincero:
«Ando na engórda, a vida mais pacata:
Dôno? não há melhor, nem outro quero.

«É talvez, como os há, um dos bons santos
Nem outro existe assim, nem o conheço.»
Á noite estava morto, como tantos:
O bom dôno o vendera, por bom preço.

20-VII-18.

Á SCHOPENHAUER

N'esta, a que já cheguei, provecta edade
Bem pouco mais se faz do que pensar.
Hontem foi isto: um pensamento alvar:
«Para que andamos, sempre, vestidos
Em quanto os outros animaes só nús?
Para esconder a nossa fealdade:
Os nossos arcabuncos carcomidos,
Chagas immundas que segregam pús.»

26-VII-18.

BONS CONSELHOS

O velho doutor Macedo.
D'um fino intellecto dôno,
Disse-me com leve entôno:
«Vive impavido, sem mêdo;

«Passeia entre o arvorêdo,
Mas nunca depois do outomno;
Não te deites sem ter somno,
E sahe-me do leito bem cêdo:

«Não te mettas em tramoias,
De noitadas te emancipa,
E de pôdres lambisgoias;

«Traz-me bem livre essa tripa,
Mas come como as giboias,
E não me fujas á pipa.»

4-VIII-18.

SURGE, PESTIA

Eramos camaradas desde a escola,
Amigos como Orestes e Pylades:
Viviamos alegres como abbades,
Cantando ao som da popular viola.

Mas o tempo cruel que tudo assola
Em tuas incessantes tempestades,
Pouco mais nos deixou do que saudades!
Mas ainda um bom falerno me consola.

A ti não; já corcunda, triste e lasso;
Eras gôrdo e pareces-me um palito!
Eras um bom tenor, agora és basso!

Surge, bêsta! estás sendo, mas eu grito:
«Cada dia que morre, amigo, é um passo,
Para as terriveis sombras do Infinito!»

3-8-18.

A LIÇÃO

—«Não vencerás a batalha;
Sim, compara os meus assumptos,
Com os teus, que são presuntos,
Ou cousa da mesma egualha.

«Pensa e faz cousa que valha,
Salta o vulgar a pés juntos,
Não faças versos defuntos.
Ou que nasçam com mortalha.»

—«Dizes bem! Cantando vaes
Entre os astros do infinito
Grandes poemas immortaes.

«És soberbo: está escripto,
É gigantesco, inda mais
Que as pyramides do Egypto!»

19-VIII-18.

A UM ABSTEMIO

Eu ando, de escudo e lança,
Desde os tempos que lá vão,
Em defesa d'um pagão,
O bom deus da beberança.

Um bom assumpto me cança,
E esse é bello, que mais não,
Pois que um homem beberrão,
No azul dos sonhos se lança.

Se fui amigo do cacho,
Não me ralhes, por quem és,
Pois que a tal respeito, eu acho,

Que vês tudo de través:
O papel da agua é baixo:
Bebe-a o asno, e lava os pés.»

19-VII-18.

MOCTE ANIMO

Teu aspecto não me apraz,
Já não és o de outras eras;
Teus annos são primaveras,
E nem pareces rapaz.

Olha que a vida é fugaz,
Bebe, bebe-lhe devéras.
Tuas penas são chimeras
Que a propria mente desfaz.

Tu dizes que foi bruxedo;
Pois ouve-me este conselho:
Canta e ri, perde o mêdo;

Não sei se o diz o Evangelho:
Quem é triste morre cêdo
Quem muito ri morre velho.

26-VII-18.

HORRESCO REFERENS

Eis aqui um leve extracto
Das cousas que mais detesto:
E que, mais tarde eu protesto
Completar, mais longo e exacto:

Uma ruina sem recato,
Um escripto deshonesto;
Vinho de pasto, no resto;
O miar de qualquer gato;

Pés e canto de pavões;
As pernas das lavadeiras,
O ribombo dos trovões;

Os figos do Algarve, em ceiras;
Longos discursos, sermões;
E, acima de tudo, as asneiras.

Mas, emfim, que importa ao mundo,
Que eu gosto ou não gosto d'isto?
Mas, pelas chagas de Christo!
Eu sou um sácco sem fundo;

Ora triste, ora jocundo
Tudo que vejo o registo,
E d'ahi o estranho mixto,
Das ideas em que abundo.

Demais, o que faz um poeta?
De por si só, não faz nada,
Quer ilustre, quer pateta.

É a musa, sua amada,
Quem, o capricha, o projecta
Mundo em fóra, de longada.

28-VII-18.

AOS ARCADES

O QUE um critico, rossim,
Sem ideas, sem talento,
De meus versos inimigo,
Vocifera contra mim,
Tanto me importa, vos digo,
Como o que zurra um jumento.

E do critico severo,
Que no meu tugurio pousa,
Como em tudo sou sincero,
Eu vos digo a mesma cousa.

18-VII-18.

A UM CENSOR

— «Usas palavras communs,
Que não vem nos diccionarios,
São constantes os zum-zums,
Tudo serve aos teus contrarios.»

— «Bom! deixa zurrar quem zurra,
E diz aos taes, de que fallas,
Que eu, como sabio caturra,
Até podia invental-as.»

19-VII-18.

REPISANDO

Tu és, como dizia o bom Filinto,
Um mau taréco, sempre resmungão.
Como um de quinta furibundo cão,
Me ladras, mas teus dentes não nos sinto.

Eu n'isto que te exponho não te minto;
Mas quem sabe? talvez tenhas razão:
Pois não ha quem prefere o carrascão
Ao delicado môsto de Corintho!

Eu, trabalhando, impávido prosigo
Sem me preocupar d'outras idéas
Senão das minhas, bem sincero o digo.

As tuas obras vêm de raios cheias
Contra meus versos; mas escuta, amigo:
Não gostas? pois faz isto: não os leias.

30-VII-18.

*

CONTROVERSIA

Corre tudo desconnexo,
Ou contrario ao que era d'antes,
E basta dizer: agora
Somos nós o bello sexo!

Sôbre o caso ando perplexo:
Põe-me estas duvidas fóra.
—«Senhoras, exclamou Dora,
São dos bons anjos reflexo.»

—«Se se amam com paixão
Como tu, correndo, queres,
Póde haver grande questão,

Pois se as Musas são mulheres,
Tambem as Furias o são:
Ha lirios, e malmequeres.»

16-VIII-18.

A VOZ DE SALOMÃO

Homem sem fé, anda cá,
Sobre essas cousas que esmoes,
Ouve estas verdades nuas,
Mais sinceras que as das ruas,
Tudo o mais são puras trêtas.

Onde é o céu? Nos planetas;
Os purgatorios nos soes;
Quanto a infernos, não os ha.
Ha-os n'aquelles, talvez,
Mais n'este, de cães, e heroes,
Vê quem tem olhos e estude:
São: a falta de saude,
De bom sangue e robustez;

E, por ordem, o segundo,
Para muitos o primeiro,
O da falta de dinheiro,
O rei, o senhor do mundo.

26-VIII-18.

A MOÇA E A VELHA

Á excellentissima
Viscondessa de Nespereira

«—Você, oh tia Maria,
Está velha como um caco,
Nem póde sahir de dia
Mais feia do que um macaco!
Já não faz meia, nem fia!
Toda vestida de trapos,
Quasi cega, manca e surda,
Ninguem lhe inveja a existencia,
Causa nôjo aos proprios sapos,
E já não vive, chafurda
Nas vasas da decadencia,
Como diz o nosso abbade.»

Disse-lhe a velha, serena:
—«Já fui isso que tu és,

E na minha mocidade
Dançava, e até com graça;
Chamou-me um vate açucena,
E vi muitos a meus pés
Cá na aldeia, e na cidade,
Mas na vida tudo passa.»

«Sim, pareço-te uma bruxa,
E não sei que mais, um grou;
A minha perna estrebuxa,
E provóco a hilaridade,
Mas, ouve isto que te digo:
Talvez, para teu castigo,
Não chegues á minha edade,
Nem a ser isto que sou!»

25-VIII-18.

MÔCHO

É temerario dizer,
Com rosto alegre e jocundo:
«Vou hoje para acolá»
Que pode muito bem ser,
Que o lugar para onde vá
Seja outro: o outro mundo.

23-VIII-18.

NA ALHETA DE CAMÕES

Somos dous a dizel-o: se alguem ha
(E esse alguem é talvez a multidão)
Que não seja por versos excellente
Ou nunca em sua vida tomou chá,
Ou, andando a dous pés, como anda a gente,
Devera usar por frak . . . um albardão.

28-VIII-18.

A DESANDA

O carro, outrora dourado
Do meu viver de illusões,
Que foram realidades
De que só restam saudades,
É desde ha muito puxado
Por uma parelha rude,
Que é de duas negações:
Uma, a falta de saude,
Outra a falta de dobrões.
É de todas as idades,
De todas as estações:
Depois de sol tempestades,
Depois de calmas trovões.

18-VIII-18.

O SYMBOLISMO

Ao dr. Sergio de Castro.

Nas symbolicas ficções
Que nos vem de Grecia e Roma,
E que o tempo, essa carcôma,
Não nos levou das canções,

Se ha translucidas visões,
Um grato perfume e arôma,
Ha, ainda peor, a marôma,
O falcête de histriões.

Eu o digo ao mundo inteiro:
O nosso poetico andaço
Pouco mudou de roteiro:

A nossa terra é o Parnasso,
A nossa lyra o tinteiro,
Nosso plectro a penna d'aço!

10-VIII-18.

IMPERTINENCIA

A uma dama vizinha,
Quarentôna, mas de truz,
Preguntou certo elegante,
Impertinente e lapuz,
Qual a edade que ella tinha.
Respondeu no mesmo instante,
Com verdade e muito bem:
«Isso a pouco se reduz:
A mesma edade que tem
Toda a gente que nasceu
No mesmo dia em que eu
Neste mundo vim á luz».

25-VIII-18.

CENSURA

— « Porque não cantas politicos,
Os seus discursos pathéticos,
E cantas burros estiticos,
E até cães, com tosse, éthicos?
Sou echo de varios criticos».
— « Tuas censuras teem base,
Mas eu acho-os mais poeticos,
E tudo explica esta phrase.

Os taes discursos, comtudo,
Têm mais substancia e chorume,
Que os que as ditas alimarias,
Diariamente dão a lume,
E, além d'isso, mais fragorancias;

Mas do meu voto não mudo
Que a dita razão, e varias,
De que teria abundancia,
Como disse, explicam tudo ».

15-VIII-18.

UMA PAGINA ANTIGA

. . . . . .

Á PORTA da sua amada,
O desditoso troveiro
Bateu de rijo, mas nada!
Porém, do prédio fronteiro,
Surgiu o vulto indeciso
D'um velho amigo, um tendeiro,
Que lhe disse, de improviso,
Tremendo-lhe a voz um tanto:
«Amigo, bates em vão:
A gente que ahi morava,
De nós todos estimada,
Mas a ti inda mais cara
Já mudou. Sei que é triste,
Esta nova; mas é grande
Quem á desgraça resiste:

*

Sonhos vêm, e sonhos vão,
Sophia, a loira donzella,
Que por ti foi tão amada,
Trocou-te por um louraça:
É hoje rica e morgada».
Ouvindo a nova fatal
O mancebo alanceado
Soltou um ai, e cahiu
De batecú no sobrado.

Recobrou nos alentos
Na tenda do velho amigo,
E sem escutar as supplicas
De quem lhe offertara abrigo,
Sahiu, qual bala d'obuz,
Tremendo de calefrios.
Curvae-vos a quem a luz
Da razão leva perdida!
Curvae-vos como bambús!

Leva estampada na fronte
A passagem da desgraça
Como as rugas que um mau fado

Em nossas frontes nos traça.
Os olhos, sêccos e turvos
Fitam phantasma chimerico
E grita com voz aguda
Como doudo, como hysterico,
E com passo vacillante,
Foi assentar-se defronte
Entre servas e aguadeiros
Em conversas junto á fonte.
Depois, passando na mente
As horas d'amor ditosas,
Soltou do fundo do peito
Estas queixas lamentosas:

«Oh flor modesta, que sorris simploria
Junto ao repôlho que te viu nascer,
Junta uma lauda á semsabor historia:
Fecha teu seio ao divinal viver»!

Atufara-se no Atlantico
O sol saudoso ao partir
Como é triste na mulher,
O derradeiro sorrir.

E ao longe um burro entoava
Um canto rouco e tristonho:
Era o pranto d'um amor,
Que passara como um sonho! (1)

E as folhas sêccas cahiam
Com leve bulha no chão!
Era o hymno da saudade
Era a voz da solidão.

(1) É esta a quadra estribilho no *Anjo do lar*.

ESGOTAMENTOS

Em frente de uma botelha,
Lugubremente assentado,
Carregada a sobrancelha,
Sahiu-me d'alma este brado:
«Que formidavel estafa!
Estou em-fim esgotado!»
—Tambem eu, disse a garrafa.

18-IX-18.

AUTOBIOGRAPHIA

Ad sodaler.

EMBORA seja valioso
O «moi» segundo Taine,
Passo avante, desdenhoso,
E em voz quasi solemne,

Passo a expôr o meu retrato,
Especie de biographia,
Em que, sincero, relato
O que sou e o que fazia;

E n'esse longo rosario,
Talvez destinado ao lixo,
Andarei sem ordem, vario,
E, como segue, a capricho:

Para trabalho, uma penna,
D'onde veio o «Vinho e fel»
Por amante uma pequena,
Que me foi sempre fiel.

No coração alegria,
Em conversas bom humor;
Pelo vinho sympatia,
Por agua, um profundo horror.

Por trapezios e gymnasticas
Nunca tive inclinação,
Nem pelas phrases bombasticas
D'um discurso e d'um sermão.

Fui sempre um homem da moda
Um quasi pintalegrete,
Mas para danças de roda,
Eu nunca tive jarrête.

Quando muito uma quadrilha,
A pedido, e mal talvez;
Quanto ao fumo, cigarrilha,
E quanto ao jogo, o xadrez.

Do lado de alheias plumas,
Muitas há de intenso brilho,
Mas o meu homem foi Dumas,
Fallo de pai, não do filho.

Tive um viver de bohemio,
Numa furia de insensato,
Mas agora, quasi abstemio,
Não há ninguem mais pacato.

Pelo que a sáias respeita,
Se tive cheques amargos,
A minha lista: perfeita,
Mas isso são contos largos.

Ácerca das artes bellas,
Foi sempre meu pensamento,
Que não há, por fóra d'ellas,
Para ninguem salvamento.

Tudo me serve: a pintura
A propria litographia,
Boa musica, a esculptura,
E sobretudo a poesia.

E, voltando um pouco atraz,
Mesmo fora da estação,
Eu fui alegre e rapaz:
Era uma viva canção.

Sempre cantando ia longe,
Por campinas e cidades,
Mas agora vivo monge
No mosteiro das saudades.

Para o pão de cada dia
(Eis-me aqui chegado á prosa)
Deu-me a sorte a advocacia,
Uma velha remelosa.

Quiz fugir-lhe: vão esforço!
Já quiz impontá-la a murro,
E filou-se-me no dorso
Como um moscardo de burro.

E que seria de mim,
Sem os bons lados que tem?
Isto confirma o anexim:
Há males que vêm por bem.

Mas, basta! Deus, pelo visto,
Como por compensação,
Concedeu-me o fazer d'isto:
Suprema consolação!

22-VII-18.

NOTAS

I

«ULTIMAS RIMAS»

Pode muito bem ser que não sejam as ultimas, até porque este volume foi ultimado em meia duzia de semanas. Dias houve, como se vê das respectivas datas, novidade em meus versos, em que compuz trez ou quatro sonetos!

O que, porém, é indispensavel que eu diga é que as composições que elle contém, nada têm que ver com as do volume *Ao pôr do sol*, que já se acha vendido, quanto á primeira edição, e até pago, em poder dos estimaveis editores lisbonenses Aillaud, Bertrand & C.ª, — mas que, por uma clausula, que não autorizei, não será publicado senão depois de finda a guerra, isto é, quando eu já, por essa epoca problematica, ande a aprender a lêr no planeta Marte, para onde, de este, conto transitar.

Foi este caso exquisito, e temendo os horrores de um pósthumo, em que até me transformem a orthographia, que, salvos alguns lapsos, é a dos Barros, Lucenas, Bernardes e Vieiras, na dos burros, isto é, na falsamente chamada sónica, que eu, desesperado, engendrei este novo livro, para, até

certo ponto, me consolar do outro, quer dizer, do desastre, irremediavel, de não o ver, em vida, são e escorreito.

Ha males que vêm por bem; duvido comtudo que este anexim tenha applicação a tão original episodio.

II

ELLE!

Estes sonetos teriam melhor cabida no volume acima referido *Ao pôr do sol*, a seguir aos dous que, relativos ao mesmo personagem, ahi serão publicados. Resolvi-me, porém, a fazel-os sahir n'este, pelas razões acima apontadas, sendo-lhes applicaveis a nota que áqueles dous se referem, e á qual me reporto. O que n'uns e outros digo, nada tem que ver com a nobre Germania, que elle governa, como um pastor governa o seu rebanho de carneiros! O que me assombra é que esse individuo, que deixa a perder de vista os Neros, Tiberios, Caligolas, e quasi todos os outros Cezares, de que Tácito é o terrivel historiador, ainda esteja vivo! É que talvez seja o homem dos destinos, e tanto paguem os justos, que são a maioria, como os peccadores!

Altos decretos da Providencia, como antigamente se dizia.

III

HOC ERAT IN FATIS

Este titulo nobillarchico: *La Marquesa de Amaegui*, que se encontra n'esta pequena e insignificante composição, e que

tanto me fez rir, vem n'uma das mais populares composições de Alfred de Musset:

«Avez vous vu à Barcelone
Une andalouse au secis brunis,
Pâle, comme un soir d'automne?
C'est ma maîtresse, ma lionne,
La Marquesa d'Amaegui.»

Foi a rima, grande poeta, que te fez inventar este nome extravagante. Fi!

IV

STABAT MATER. CHRISTO

Estas duas composições são as que mais brigam, pela sua seriedade, com a futilidade de quasi todas as outras do livro, e é por isso que vão n'uma secção á parte, com receio de que, pelo contacto, se contaminem.

Esses assumptos religiosos, e sobretudo os trágicos sucessos do Calvario, foram durante seculos, os mais queridos dos grandes pintores, e dos maiores poetas da Renascença, mas desde ha muito, e depois do advento do transitorio materialismo, cahiram em quasi completo desuso, e é pena, porque esses assumptos, pela sua commovedora grandeza, sempre eram melhores, sob todos os seus aspectos, do que os posteriores, geralmente adoptados. As composições d'este li-

vro são uma prova cabal d'essa triste verdade. Deixei-me ir na onda.

Esperemos, comtudo, que a lei historica de Vico se realize: estamos no recúo, na arte e em tudo mais; esperemos que o avanço em breve se inicie.

V

CANÇÃO ESCOLAR

Esta composição, feita a pedido, é vozeada todos os dias, ou nos dias solemnes, pelas crianças de uma escola primaria de Vianna do Castello.

Quando estou hesitante sobre o valor artistico de qualquer obra minha, faço a mim proprio esta pergunta: «Isto deshonra?» Se respondo: «Não», a cousa segue. Foi a pergunta que fiz, e a resposta que obtive, ácerca da alludida *Canção*. Segue, pois, bem como pela mesma razão, a ballada que leva o titulo: *Beijos*.

VI

SYMBOLISMO

Variemos de assumptos. No sonetilho assim intitulado, encontra-se esta palavra: Parnasso, e como talvez se imagine que a escrevi assim por necessidades da rima, — a qual nunca

foi para mim, mesmo antes de o ler em Boileau, senão uma obediente escrava, — direi que se escrevi d'aquelle modo esse monte da Grecia antiga, como o Hélicon ou Helicini, e o Pindo, consagrados a Apollo e ás Musas, foi porque assim é não só em latim: Parnassus, como em francez: Parnasse, e do mesmo modo em todas as outras linguas. A razão por que entre nós, essa bifida montanha está transformada em Parnaso, e o seu derivado: parnassiano, em parnasiano, é só esta: é porque, n'este paiz, quanto á lingua, cada qual faz e diz o que muito bem lhe parece.

Por vir a pêllo, e sem mudar essencialmente de assumpto, direi mais que se na estrophe intitulada Madame de Sivigné, anedocta que respiguei n'uma das suas espirituosas cartas a sua filha, a condessa de Grignan, escrevi «madama» — não foi por francesismo, mas porque este vocabulo é puramente portuguez.

Effectivamente, *dama*, que vem do substantivo latino: *domina*, dona de casa, mãe de familia, esposa, é vocabulo antiquissimo na lingua portugueza, e quanto ao affixo *ma*, elle outra cousa não é senão o adjectivo *minha* contracto. Madama é, pois, em bom portuguez, minha dama, minha senhora. *Mademoiselle*, é o diminutivo de *Madame*, e bem poderia transformar-se em madamita, exactamente correspondente ao *senhorita* dos hespanhoes, e bom seria para nos descartarmos de certos tratamentos em uso entre nós, que muita vez nos difficultam a locução, sobretudo nos dialogos.

Mas, qual! Sobre esta materia, como sobre varias outras, estou a martellar em ferro frio.

Se as cousas que eu dissesse, a meu ver, sensatas, fossem, pelo contrario asnidades, n'esse caso seriam immediatamente adoptadas com enthusiasmo.

Haja vista ao estrambotico verbo *cumprimentar*, e ao seu derivado, o substantivo *cumprimento*, que imperam em toda a linha!

Desafio, porém, a quem quer que seja que me cite escriptor de boa nota, ou lexicographo, de autoridade, em que se encontre esse tal verbo. O que encontrará, sempre, é o verbo *comprimentar*, e, como seu derivado, *comprimento*, e é assim em varias outras linguas: em italiano é *complimentore*, e *complimento;* em francez é *complimenter*, e *compliment*, e até em inglez assim mesmo é.

Apesar d'isto, que me parece racionavelmente fundamentado, todos nós continuaremos a reciprocamente nos cumprimentarmos, e a nos enviarmos, tambem reciprocamente, cumprimentos de sentidos pesames ou de sinceros parabens.

Todos, menos eu, e menos, talvez, o meu dilecto amigo Dr. Candido de Figueiredo, mestre perito sobre assumptos d'esta natureza, e ao qual dou visto para superiormente dizer, em ultima instancia, o que se lhe offerecer a este respeito.

VII

SÁPHICOS

Abundam nos meus versos, os d'esta especie, que são aquelles que têm duas cesuras, ou accentos predominantes, uma na quarta syllaba, outra na oitava, e n'esta especie, nunca na sexta syllaba deve haver accento agudo. São os mais bellos, pela sua harmonia, e pela sua ondulação rhitimica, ou

musical. Esses versos, ás pessoas que ignoram aquella technica, isto é, ás que não os sabem ler, parecem-lhes maus, e sobretudo frouxos, pela falta de cesura na sexta syllaba. Se os lerem, porém, de harmonia com o que deixo acima indicado, o seu juizo será, naturalmente, outro.

O estimado critico, Mario de Santa Rita, n'um amavel estudo que ácerca das minhas primeiras *Rimas*, publicou no *Occidente*, achou defeituoso, embora com hesitações, um dos meus versos, mas se reparasse e o lêsse como saphico que é, outra seria a sua opinião. Tenho até a idea que é um dos melhores d'aquella collecção; não posso, porém, dizer qual, porque as minhas composições só as leio nas provas, e depois de publicadas nunca mais as leio.

Tambem fui censurado, e por quem? pelo meu dilecto amigo Dr. Candido de Figueiredo, na alheta do qual seguiu, a esse respeito, o distinto escriptor Delfim Guimarães, por eu não ter observado, quanto a um soneto em dodecasyllabos, que sahiu na minha *Viagem por terra ao paiz dos sonhos*, as regras applicaveis aos versos franceses, chamados alexandrinos, que são aquelles em que o primeiro hemistichio hade sempre terminar em syllaba aguda, ou em breve, mas que possa ligar-se, pela elisão, com a primeira vogal do segundo hemistichio.

Não se lembraram, porém, esses estimaveis censores de que esses taes versos podiam não ser, como não eram, alexandrinos, mas os latinos esclapiadeus; nem mesmo que o fossem, poderia haver êrro de maior porque até o importante professor de litteratura, o fallecido Dr. Delfim Maria d'Oliveira Maia, na sua *Arte poetica*, diz que os alexandrinos tambem podiam fazer-se como eu fiz os esclapiadeus, sem comtudo dizer a razão porquê. Disse-a eu, no meu volume *Por*

montes e valles, onde amplamente controverti esta materia.

Finalmente, todos os meus versos devem ser lidos sem hesitações, desembaraçadamente, como se executa qualquer composição musical.

VIII

PERDIDA

Esta composição, e varias outras do mesmo genero, embora feitas agora, representam factos ou ideas de outros tempos, e se digo isto não é para me defender de censuras que se me façam respeitantes e certas circumstancias vulgares, e communs a todas as pessoas, mas até para mais uma vez affirmar que a critica não tem outro direito senão o de dizer o que lhe parecer ácerca da obra produzida, pondo absolutamente de parte a pessoa do artista productor.

Essa these é a que principalmente desenvolvo e sustento no prefacio do novo livro de versos, a que já n'este me tenho referido, o *Ao pôr do sol;* ahi e em outros dos meus escriptos.

«Ex abundanti», e fóra dos meus habitos litterarios, citarei, porém, estas palavras de Victor Hugo, nos *Miserables*, que destroem, na sua symbolica generalidade, a unidade de certos principios, sobretudo referentes a idades, como por exemplo, o de que um pintor velho não deve pintar senão velhas:

«La vieillesse n'a pas de prise sur les génies de l'idéal; pour les Dantés et les Michel-Anges, vieillir c'est croître...

E assim é: Corneille, septagenário, fazia os famosos versos, que principiam: *Marquise, si mon visage...*, a uma dama

de 20 annos, que com elles se sentiu altamente lisongeada; aquelle Miguel Angelo, aos 88 annos, ainda pintava e cinzelava; Ticiano, aos 90, pintava ainda; Crébillon, pôde escrever a sua ultima tragedia, aos 80 annos; Voltaire, aos 83, mostrava ainda um espirito activo e creador, e o proprio Victor Hugo, mais que octagenario, fazia ainda versos, que nenhum poeta posterior, até hoje, excedeu, em commoção e belleza. Emfim, e para não alongar demasiadamente este relatorio, o bom do Filinto Elysio, já com mais de 80 annos, fazia versos de amor a Philis.

Essa tal critica, teria sorrisos de estupendo escarneo, entre muitos outros, para Collins, Beijamin Constans (refiro-me ao grande pintor, e não ao auctor de *Adolphe),* Puvis de Chavannes, Rodin, e Gérome, por, em suas provetas idades, pintarem ou cinzelarem mulheres núas, em toda a sua perturbadora mocidade!

Criticas de tal natureza, ou com fundamentos de egual jaez, recahem, porém, sobre os irrisorios palermas, que, á falta de melhor assumpto, as fazem.

Em resumo, e como corollario, só estas palavras: « veja a critica a obra, e não se importe com absolutamente mais nada ».

IX

EHÉU

Este ehéu, é uma interjeição latina que significa o mesmo que: ai! ai de mim!

Na lingua latina, o *u* final não tem acção, mesmo porque

accentos é cousa que não existe n'essa lingua mãe, e se eu o puz, foi unicamente para ajudar á pronuncia as pessoas que não a sabem, sobretudo o *mundus mulieribus*. E porque poria eu esse titulo, e varios outros, na mesma lingua? Para aparentar erudição.

Ainda n'esse mesmo soneto, lê-se este nome, de uma rainha da Lybia: Omphala. Mas geralmente tenho visto Omphale, e realmente, em latim ha Omphale, es, mas ha tambem Omphala, ae, genitivo, e se adoptei esta ultima graphia, foi porque me pareceu mais consentáneo com o genio da nossa lingua, e não por causa da rima.

Muitas vezes hesito, quanto ao modo como devem ser escriptos certos nomes proprios, gregos ou latinos, mas afinal, resolvo-me, guiado por aquella mesma razão.

Assim, de Herodiade, mulher ou manceba do rei judeu Herodes Antipatos, a que levou Salomé, sua filha, a pedir a cabeça do propheta João Baptista, tenho feito Heródias, como escreve, se bem me recordo, Filinto Elysio.

Certos nomes de nymphas, como Dryades, Occiánides, Tagides (estas inventadas por Camões) e Nereydes (nymphas do mar) não devem, ainda por aquella mesma razão, escrever-se d'um modo, mas, Ondinas, Dryadas, Occiánidas, nereydas.

Isto, porém, vae com vista ao meu erudito amigo Dr. Candido de Figueiredo.

Finalmente, e ainda no mesmo soneto, lê-se este nome: Alcides. A quem não sabe de mythologia, direi que esse semi-deus não é outro senão o proprio Hercules, filho de Jupiter e de Alcmena; filho e pais que nunca existiram senão na imaginação de poetas, e de outros visionarios.

X

PAGINA ANTIGA

E bem antiga: data dos principios da chamada *guerra coimbrã*. O que deu origem a essa guerra, tão benefica para as letras pátrias, foi um prólogo de Antonio Feliciano de Castilho, ao «Anjo de Lar» poema de Pinheiro Chagas.

Os iniciadores da lucta, quanto á questão theórica, foram Anthero de Quental e Theophilo Braga. Outros poetas, de que fazia parte o individuo que estas linhas escreve, resolveram, com o enthusiasmo da sua juvenil edade, pôr em pratica aquellas theorias, e para o levarem a effeito e n'uma ruidosa ceia preparatoria, accentaram em que se fizesse uma paródia áquelle poema, em que o heroe fosse o proprio Chagas, ahi chrismado, depois, em Chaga.

A parodia do prefacio foi feita por Guimarães Fonseca, fazendo eu a do primeiro capitulo. Tudo devia sahir, turno a turno, pelos diversos poetas conjurados, mas com aquella primeira parte fosse lisongeiramente recebida por grêgos e troianos, resolveu-se que eu continuasse, e fizesse tudo até final, ao que, da melhor vontade, accedi.

Duas vezes por semana, e nos folhetins do jornal politico a *Liberdade*, de que era redactor e proprietario, um chamado Eleziario, sahia um largo trecho, acceito de modo que um editor de Lisboa me avisou de que concluida a parodia (que já ia em mais de meio, e em que eu não parodiava nada, adoptando sómente a fórma dos versos, e o seu numero) se promptificava a edital-a.

Quem levava os originaes á redacção d'aquelle jornal era eu proprio, ao anoitecer. Uma vez, entrando na redacção, vi ahi reunidos, o que me causou surpreza, os redactores, quasi todos lentes da Universidade, dizendo-me logo o Eliziario que a *Liberdade* acabava, e não sahia mais numero algum; accrescentando, comtudo, que se promptificava a ir publicando a paródia em folhas volantes, ao que eu não accedi, — felizmente, porque iniciei, pouco depois a publicação da *Folha,* que no dizer de José Sampaio (Bruno) foi como a explosão da da mina.

O original que eu levava, é exatamente o que sahe agora, pela primeira vez, sob o titulo: *Pagina antiga.*

Publico-a *ad memoriam,* para mim proprio, como a de tempos que não voltam mais.

Talvez faça rir; a mim faz-me chorar... de saudades!

XI

AUTOBIOGRAPHIA

Esta composição talvez seja a ultima, ou o remate d'este volume; o que, porém, não posso affirmar, porque, embora quanto ao seu conteúdo, esteja completo, não o está ainda, quanto á collocação, mais ou menos logica, das materias.

Essa poesia poderia ser muito mais amplamente desenvolvida, mas o que ahi está metrificado é o bastante para dar uma idea, real e verdadeira, da minha humilde pessoa, como particular e como artista.

É offerecida *Ad sodaiter,* aos meus irmãos d'armas, a amigos dilectos, que de certo me perdoarão a offerta de cousa tão insignificante.

A esses e outros d'aqui envio um fraternal e saudoso abraço, que talvez seja o da ultima despedida.

E, se assim fôr: até Marte.

XII

DECLARAÇÕES FINAES

Não ha a mais pequena relatividade entre as composições offerecidas e as pessoas a quem o são.

São offerecidas a collegas, sobretudo da antiga pleiada, e a pessoas amigas, como simples homenagem, ou como lembrança de reconhecimento e de boas relações.

Muitas, de certo, me esqueceram: d'esses imploro o perdão de tão deploravel falta.

Por ultimo: declaro que ainda conservo a propriedade absoluta de todos os meus livros, incluindo os já concluidos mas ainda não publicados.

Não vendi senão as primeiras edições, que são as em andamento, e as que o vão estar.

Exceptua-se a *Viagem por terra ao paiz dos sonhos*, vendida aos estimaveis editores, do Porto, Lello e Irmão, os quaes têm direito a fazer uma segunda edição, edição que de certo não farão, porque não estamos em paiz para semelhantes folias, sobretudo, quanto a livros de versos, embora o verso, comparando, esteja para com a prosa, como o generoso «lacrima-christi», para com a mais vulgar das zurrapas.

Tivesse eu nascido em Paris!

2-IX-18.

INDICE

Pags.

Prefacio 7

MUSA QUE NÃO RI

Seculo dezanove (invocação). 13
Ladainha 15
O Rei da Belgica 17
O sonho e a realidade 19
Cega! 21
A transfiguração 25
Bucolica. 26
O sultão feroz. 27
Anthero de Quental. 29
Elvira 30
Ligustra Cadunt 31
Emfim! 32
Cançoneta 33
Nas sombras 35

Pags.

As virgens loucas 36
Os beijos 37
Germania delata 43
No verão 44
A aldeia. 45
A voz do além 49
Os fados 51
Canção escolar 53
Elle! 57
Elle! 58
O destino 59
Toda la vida es sueño 61

PARA OS CRENTES

Stabat Mater 65
Christo 66

VINHETAS E AQUARELLAS

A avaliação 69
Madrigal antigo 71
Rondó 73
Ingenuidade romantica. 75
Olim et hodie. 76
A cegonha 77

Pags.
Deus e o Diabo 78
Um anno depois 79
Nigra sum 80
Ingenuo 81
O enxoval 83
N'um dia de annos 85
O juiz 87
Philosopho 88
A regra 89
A perseguição e a natureza 90
O seu ideal 91
Dio d'el oro 92
Eheú 93
Perdida 94
A ultima prece 95
As de agora 96
O punho de Ajax 97
Cleópatra 98
Crysálida 99
Uma vida como tantas 100
Chorando 101
Desabafo 102
Condemnado 103
Diálogo de inuptas 105
A uma donzella 109
Em Coimbra 111
Como Eva 112
O prazer e a dôr. 113
Lamartinino 114

ROSARIO ESPIRITUAL

Pags.

O espirro 117
Illacrymavel 118
In illo tempore 119
O que as move 121
O remedio 122
As carnes 123
A preferencia 125
Filiação 126
Para um album 127
Para outro 128
Para outro 129
As differenças 130
Ella e elle 131
O diabo depois de velho 132
Por compra 133
Pergunta e resposta 134
O casamento 135
As vergonhas 136
A melhor receita 137
Má lingua 138
Madrigal 139
Para a janella 140
Devota 141
Madame de Sévigné 143

Pags.

Judas. 144
Harpagon, pai 145
Me judice 146
Madrigal antigo 147
Talvez não 148
Burguez enamorado. 149
Epitaphio 150
O tédio 151
Madrigal 152
Judices loves 153
Unico mestre 154

AO FOGÃO

O ataque e a defeza 157
Pessimismo 158
Replica 159
Vaidade. 161
Irreverencia 162
Alteri tempi 163
Em minha defeza 164
A applicação 165
Bom conselho. 166
A resposta do velho. 167
Triste consolação. 169
Consequencia da guerra 171
Bilhete 172

*

Pags.

No S. João 173
Mau humor 174
Desánimo 175
Cá e lá 176
Hoc erat in fatis 177
Rindo 178
Moliére 179
O boi e o homen. 181
Á Schopenhauer 182
Bons conselhos 183
Surge, pestia 184
A lição 185
A um abstemio 186
Mocte animo 187
Horresco referens. 188
Aos árcades 191
A um censor 193
Repizando 195
Controversia 196
A voz de Salomão 197
A moça e a velha 199
Môcho 201
Na alheta de Camões 202
A desanda 203
O symbolismo. 205
Impertinencia 207
Censura 209
Uma pagina antiga 211
Esgotamentos 215
Autobiographia 217

NOTAS

Pags.

Ultimas rimas 225
Elle 226
Hoc erat in fatis 226
Stabat Mater. Christo 227
Canção escolar 228
Symbolismo 228
Saphicos. 230
Perdida 232
Ehéu. 233
Pagina antiga 235
Autobiographia 236
Declarações finaes 237

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TIPOGRAFIA DA «RENASCENÇA PORTUGUESA»
RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE, 178,
AOS 30 DE JULHO DE 1919.
PORTO

ULTIMAS OBRAS

DA

RENASCENÇA PORTUGUESA

A Rosa de Papel — Augusto Santa Rita $40
A Língua Portuguesa—Jaime Vasconcelos $30
As Cinzas de Camilo—Visconde de Vila-Moura $50
Lusitania—Mario Beirão $50
O Enforcado—Costa Macedo $70
Borage—Olavo Bilac $40
Terra Prohibida (2.ª edição)—Teixeira de Pascoaes . . . $50
English Prose—chosen by Ferreira Guedes (para a 6.ª e 7.ª classes dos liceus) cartonado $90
Como ensinei ás minhas filhas o que é a Maternidade —J. Allais, cartonado $50
Lavores Femininos — Amelia Teixeira de Sousa, cart. 1$00
Espelho Encantado—Gomes dos Santos $70
Humus—Raul Brandão . . . . . 1$00
Pão que o Diabo amassou—Oldemiro Cesar $50
Nas Trincheiras da Flandres (3.ª edição)—A. Casimiro (esgotado).
Vida Americana (3.ª edição)—Alberto Amado $80
Os Ultimos—Visconde de Vila-Moura (esgotado).
Entre Giestas—Carlos Selvagem $70
Tratado da Pintura Antiga—de Francisco de Hollanda, comentado e anotado por Joaquim de Vasconcelos . 1$20
Nova Teoria do Sacrificio—José Teixeira Rego $80
O Flagelo dos Mares—Bazilio Teles . . . . . 1$00
Egas Moniz—Jaime Cortesão (2.ª edição) $80
Fédon, de Platão—Tradução de Angelo Ribeiro $60
O Reino da Traulitânia—Campos Lima (esgotado).
Da Flandres ao Hanover e Mecklenburg—Alexandre Malheiro. . . . . 1$20
Ao Parapeito—Tenente Pina de Morais $50
O Amor na Base do C. E. P.—Alexandre Malheiro . . . $60
A Ferro e Fogo—Eduardo Pimenta $50
Pensamentos de Camões—Coordenados por J. Viana da Mota $60
Ultimas Rimas—João Penha . . . . . 1$00
Tropa d'Africa—Carlos Selvagem. . . . . 1$20

BRIEF
PQD
002176

19:

Porto : Edição Da Renascença

0003 80JUL08 01804063
PRODUIT AU CANADA PAR UTLAS

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 10 03 15 003 5